CR$ 2,00
EM TODO O BRASIL

BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL



Nº 562
13-1-49

ESPORTE Ilustrado


1948 - SAO PAULO - CAMPEÃO PAULISTA
RUI
MAURO
BAUER
MARIO
SAVERIO
NORONHA
CHINA
PONCE DE LEON
LEONIDAS
REMO
LEOPOLDO



O AMADORISMO NO FUTEBOL INGLÊS

Os jornais estrangeiros anunciaram há tempos que a Federação Inglêsa estava disposta a admitir o pagamento dos "salários perdidos" aos seus amadores de futebol, como indenização pelos prejuizos sofridos por motivo de treinos ou jogos.

A ideia sofreu inicialmente oposição, e não obstante ser até apoiada pelo representante da Universidade de Oxford, quando se reuniram os delegados das diversas Associações regionais (condados) a proposta foi rejeitada por 30 votos contra 6.

A Comissão que estudara o assunto, e da qual faziam parte algumas das figuras mais representativas do futebol inglês, como Brook Hirts (presidente da Federação), o Reverendo Hunt e A. Drewry (vice-presidente da Fifa e diretor da Liga), não se deu, porém, por vencida e ao cabo de algumas semanas, a questão foi novamente discutida e ao ser votada, conseguiu reunir 23 votos favoráveis, contra 6.

Os delegados tinham reconsiderado e a Federação Inglêsa passava a admitir o princípio, tantas vêzes largamente combatido, da indenização por "salários perdidos".

Esta decisão precisa, porém, de ser formalmente sancionada pela Assembléia Geral anual da Federação.

Levantam-se, no entanto, várias objecções, e é muito possivel que a doutrina aprovada não seja posta em prática.

Os dirigentes da Escócia, do País de Gales e da Irlanda, reuniram-se ultimamente com os dirigentes da Inglaterra, em Belfast, e como não concordam com o ponto de vista inglês, que consideram um perigo para os princípios do amadorismo, resolveram pedir aos seus colegas para deixar o caso em suspenso "sine die", o que equivale a matar a questão...

Não sabemos como terminará o diferendo, mas a Inglaterra foi avisada de que se persistir no pagamento dos salários perdidos, os outros três países não reconhecerão como "amadores", os elementos que receberem quaisquer importancias com êsse fundamento.

E se a Inglaterra os selecionar para o seu grupo representativo, a Escócia, o País de Gales e a Irlanda, recusar-se-ão a jogar.

Alguns críticos inglêses, e entre êles o conceituado Ivan Sharpe, julgam que esta atitude porá termo à campanha dos "salários perdidos".

TURF

Por GALHARDO GUAYANAZ

Seria tolice pretender analisar as corridas de domingo último na Gávea. Os resultados de quase todos os páreos disputados seriam absurdos mesmo no sonho de um turfista alucinado. Mas, o que seria absurdo num sonho, aconteceu na realidade. E tudo e todos concorreram para isso: os jockeys — Anésio Barbosa estava positivamente fora de si (com Desconfiado e Rálo fez corrida para "faixas" imaginários); o starter, dando saidas amalucadas; os tratadores que haviam mandado puxar nas vêzes anteriores... e até o público que continuou apostando, apesar dos resultados desconcertantes. Porque, se turfe é isso, vamos então dar um viva à roleta, em cujas probabilidades a gente pode confiar mais!

Desconfiado foi o favorito do primeiro páreo e chegou em último. Coarí azar e chegou em segundo. Carinhosa, o azar, ganhou. Como se vê, houve uma subversão racional do resultado lógico ou, pelo menos, provável.

Isso foi o que aconteceu no primeiro páreo. E nos demais aconteceu pouco mais ou menos a mesma coisa. Houve grandes "puxadas", tiros desferidos tranquilamente de tocáia e... para que gastar mais cera com defunto dessa marca?...

LEVY KLEIMAN
fala aos DESPORTISTAS DE TODO O BRASIL

OS PECADOS DA REFORMA

A reunião dos "Cinco Grandes" realizada na sede do Fluminense sob os auspicios do tricolor apresentou muita coisa de interessante. Dizem à bôca pequena que o Fluminense vem sempre com reformas quando não consegue os principais títulos do futebol metropolitano, e que então procura ajeitar a situação à sua maneira. Baseiam-se os que emitem êsses conceitos nas estatísticas e na história do "association" carioca. Achamos que o tricolor não tem do que se queixar. Levantou a Taça Eficiência, conquistou o título do Torneio Municipal, obteve o bi-campeonato juvenil, fez bela figura nos aspirantes e nos reservas, e esteve no páreo do campeonato de prossionais, detalhe que os seus dirigentes sòmente esperavam para 1950, e o quadro sòmente declinou na arrancada final.

A reforma que o Fluminense apresentou aos maiorais do Flamengo, América, Botafogo e Vasco, tem as suas virtudes, e tem os seus pecados. Aliás tem mais pecados do que virtudes, fazendo a balança pender para o lado mau. Sòmente os dois itens finais apresentam fórmulas que a prática já demonstrou serem necessárias, ou seja a sugestão à C.B.D. para a extinção do atual sistema do campeonato brasileiro de seleções, estabelecendo-se a disputa entre os campeões de cada Estado, e a simplificação do atual sistema burocrático de inscrição e registro de jogadores. Na verdade no regime profissionalista não se poderia compreender que vários clubes, sempre os maiores, ficassem manietados em virtude dos seus principais jogadores terem sido requisitados para o "scratch", o que os impedia de obter receitas durante as férias, com excursões pelos Estados a fim de cobrir os "deficits" que os balancetes apresentam nos meses de inatividade. O quadro campeão da cidade se empenhará mais do que uma seleção na defesa de um título nacional, e êste detalhe daria ao campeonato brasileiro maior emoção, e consequentemente melhores arrecadações.

A extinção da taxa de 20% sôbre as rendas para a F.M.F. e por conseguinte a manutenção da entidade com mensalidades dos clubes, tiraria todo o poder controlador e de independência da Federação, que ficaria a mercê da boa vontade dos clubes. A separação das divisões de amadores da Federação criaria um problema de ordem financeira perene para os clubes menos favorecidos da 2.ª categoria, o mesmo aconteceria caso fôsse extinta a taxa dos 20%. A fusão dos certames de aspirantes e reservas sem limites de idade para os jogadores, provocaria a extagnação na renovação de valores, e a participação facultativa no certame acima referido, faria com que os clubes de me[illegible]s possibilidades se afastassem, por medida de economia, do citado campeonato em qualquer crise financeira, caindo assim novamente no problema da renovação de valores.

Como se pode verificar, é uma reforma violenta, e os processos de mudança brusca tem sempre consequências perigosas, fàcilmente previstas. Mas, não adianta discutir. Eles são os cartolas, são os doutores em futebol, e as suas idéias são leis, mesmo que a experiência demonstre que estas leis na maioria das vêzes fazem estagnar o progresso, lento mas de real proveito.

INGLÊS BÁSICO E PRÁTICO



• VOCABULÁRIO COMPLETO DO INGLÊS BÁSICO.
• TERMINOLOGIA ESPECIALIZADA, CIENTÍFICA, COMERCIAL E MILITAR.
• REGRAS GRAMATICAIS ESSENCIAIS, INCLUSIVE VERBOS.
• FRASES PRÁTICAS FREQUENTEMENTE USADAS.

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL PARA O AUTOR VICTOR JOSÉ LIMA
RUA CARUSO, 4 - AP.TO 3
TEL. 28-6935 - TIJUCA Rio de Janeiro
CR$ 20,00
3ª EDIÇÃO

PUBLICIDADE ESPORTE ILUSTRADO

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA Diretor-Presidente Gratuliano Brito. Endereço: R. Visc. de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefone: — Secretaria: 22-4447; Administração: 22-2550; Publicidade: 22-9570; Portaria: 22-5602. Endereço telegráfico: "Revista". Número avulso: Cr$ 2,00. Número atrasado: Cr$ 2,50. Assinaturas — Porte simples para o Brasil e as três Américas: Ano, Cr$ 90,00; Semestre, Cr$ 45,00. Sob registro: Ano, Cr$ 110,00. Semestre, Cr$ 55,00. Estrangeiro: Ano, Cr$ 200,00; Semestre, Cr$ 100,00.

ESPORTE Ilustrado

TENIS DE MESA

VÁRIAS NOTÍCIAS

Por SYLVIO RANGEL

Novamente transferido o Sul Americano, que será de 4 a 12 de de junho, nesta capital. O motivo da transferência foi o Sul Americano de Foot-ball estar programado para a mesma data do de Tênis de Mesa. ★ — A Diretoria da F. M. T. M. recebeu um ofício da C. B. D. comunicando que o Sr. José Izoleti fôra designado selecionador do "scratch" brasileiro, e, pedindo que consultasse o referido esportista sôbre a aceitação da incubência. Não seria mais fácil a própria C. B. D. convidá-lo, uma vez que êle faz parte do seu Conselho Técnico? ★ — Em outro ofício dirigido a F. M. T. M., a C. B. D. convoca os seguintes amadores: Ivan, Hugo e Wilson Severo, Dagoberto Midosi, Antônio Corrêa, José Neves, Batista Boderone e Carlos Mendes. Perguntamos se o selecionador ficará na obrigação de treinar sómente êstes elementos, ou poderá convocar outros que a seu entender estejam em forma? ★ — A C. B. D. também comunicou a F. M. T. M. que o Campeonato Brasileiro só será disputado em 1950. ★ — Os elementos femininos não foram convocados. Não disputaremos a parte feminina, ou a convocação virá posteriormente? ★ — O Sr. João Silva promotor dos Jogos Abertos de Cambuquira esteve nesta capital e fez a entrega das medalhas conquistadas pelos amadores da F. M. T. M. em abril do ano passado.

CABELOS BRANCOS... Envelhecem
JUVENTUDE ALEXANDRE
faz desaparecer e EVITA-OS SEM TINGIR
Juventude Alexandre — BELEZA e VIGOR dos CABELOS

DE REVÉS

Por CANHOTINHO

Triste de mim si não fosse a F. M. T. M.! E' a maior "fornecedora" de assuntos para a minha secção: pois não é que o Departamento Técnico programou os jogos individuais de 1.ª classe para a séde do Schell, clube não filiado, e, o que é mais grave, clube que se desfiliou por indisciplina. Será que nenhum dois 12 ou 13 clubes filiados estava em condições de dar séde para o mais importante torneio individual da cidade e do Brasil.

★

Não gostei da transferência do Sul Americano. Disputado no inverno como vai ser teremos perdido uma das vantagens sôbre os estrangeiros, que iriam fatalmente estranhar nossa temperatura tropical.

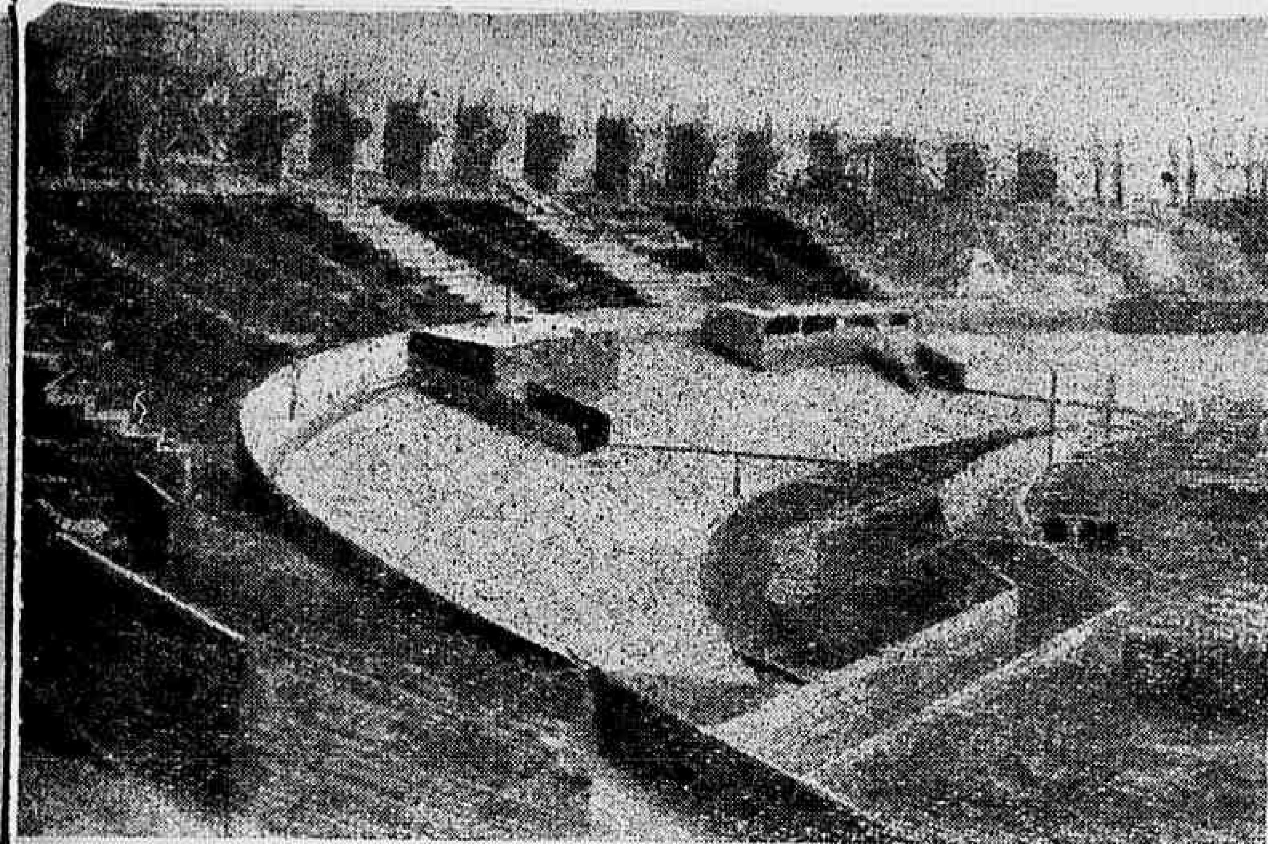
★

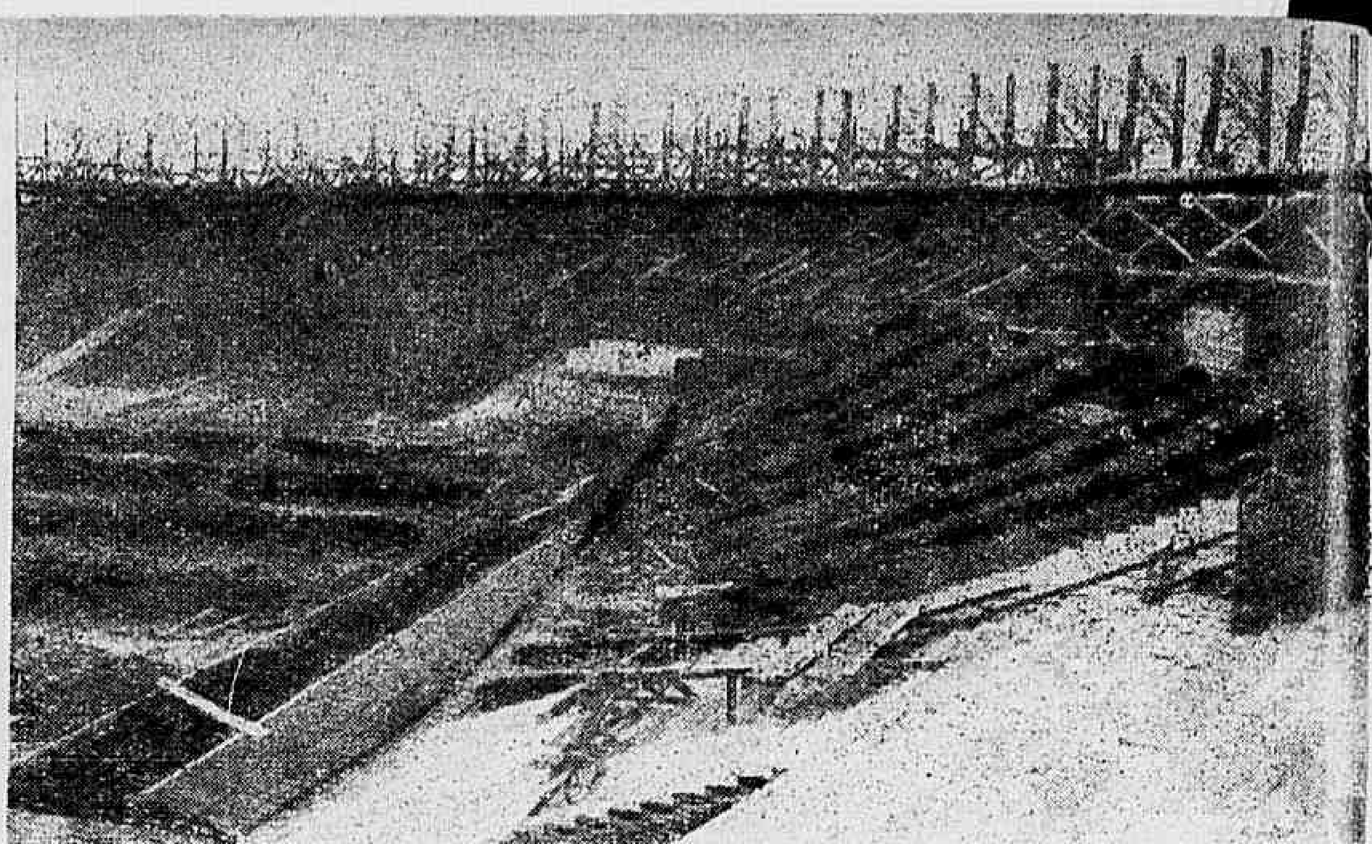
Somos capazes de apostar que durante 40 dias, a partir de 10 de janeiro, o Conselho Técnico da C. B. D. não se reunirá!

CAPA E CONTRA-CAPA

CAPA — *Gamba,* médio que o América trouxe na temporada passada do futebol paulista, e que começou a se destacar na última parte do campeonato carioca.

CONTRA-CAPA — Duas belas "estrelinhas" do Volei feminino: *Sonia* e *Celma* são irmãs e pertencem à equipe tijucana. Defenderam antes as côres do Grêmio Tabajara.





Eis o estado em que se encontram agora as obras da nova praça de esporte do Racing

Os exemplos não frutificam!

Enquanto na Argentina trabalha-se pelo progresso sempre crescente da Educação física, no Brasil tudo é complicado e difícil... O Caso dos estádios, exemplo dos mais frisantes.

Infelizmente o nosso govêrno não compreendeu ainda que deve prestigiar e apoiar incondicionalmente tudo o que visa um melhor aproveitamento para o desenvolvimento daquilo que se deseja fazer em benefício dos nossos esportes, do próprio desenvolvimento da cultura física em nosso país. E deve-se lamentar profundamente tal atitude, já que outros países vizinhos sentindo a necessidade de tais empreendimentos, encontram por parte dos seus govêrnos, a melhor boa vontade e tôdas as facilidades possíveis para a concentração do chamado programa de expansão da educação física. A juventude brasileira, talvez mais do que qualquer outra dêste emisfério, sente a necessidade da cultura física, ainda não difundida e radicada em nosso país e assim os anos se renovam e a esperança de dias melhores permanece, sem contudo sofrer solução de continuidade. Ainda acha-se vivo na memoria dos brasileiros o quanto custou, o quanto se lutou para poder obter a aquiescência dos poderes públicos, para se levar a têrmo a construção de um estádio municipal, que longe de satisfazer as nossas necessidades, pelo menos remediará o mal até dias melhores. Fica-se assim com um único estádio para as grandes competições. Mas pergunta-se, resolverá o estádio municipal os nossos problemas? — claro que não e com um único argumento vamos desfazer quaisquer dúvidas que a respeito se forme sôbre a nossa convicção. No certame Sul Americano, sem se falar no Municipal, várias e importantes partidas serão efetuadas, algumas das quais podem coincidir em dias iguais e nesse caso, como será resolvido o problema? Resta a esperança do Pacaembu, outro elemento para amenizar o problema. Cita-se o exemplo da França que patrocinou o último campeonato do mundo, realizando indiferente, em várias cidades, as competições programadas. Na América do Sul, vemos a Argentina caminhando para dias melhores, destacando-se os esforços dos dirigentes platinos, paralelos a grande obra dêsse desportista de escol que é o general JUAN PERON. As noticias que nos chegam de B. Aires, do nosso correspondente especial — Pablo Martinez, vale como um testemunho fiél, do quanto estamos inferiorizados neste emisferio, nessa questão. E os nossos leitores, observando as notas chegadas da capital platina, relativas as obras de dois estádios encetadas por dois clubes, por iniciativa própria, porém com o apôio incondicional do govêrno, há forçosamente de se sentir invejoso. Vejamos o que nos escreveu o nosso correspondente especial: — (Buenos Aires — Porque razão o Velez Sarsfielr para o ESPORTE ILUSTRADO):

— Porque razão o Velez Sarsfield não atua em seu campo? — Pergunta-se: — Está fazendo grandes reparos...

— E duram tanto tempo assim?

— E' que... o "Fortim" se constituirá numa grande surprêsa!

— Mas afinal que surprêsa é essa que tanto se apregôa?

— Muito simples. As obras que a Entidade de Liniers estão realizando em seu campo darão ao mesmo uma amplitude verdadeiramente extraordinária, já que as tribunas, totalmente de cimento armado, darão capacidade para cêrca de 100.000 espectadores. Um verdadeiro "record" para uma instituição modesta como a da "V" azulada. Conversando com delegados do Velez, tomamos conhecimento de alguns pormenores das obras que estão se realizando:

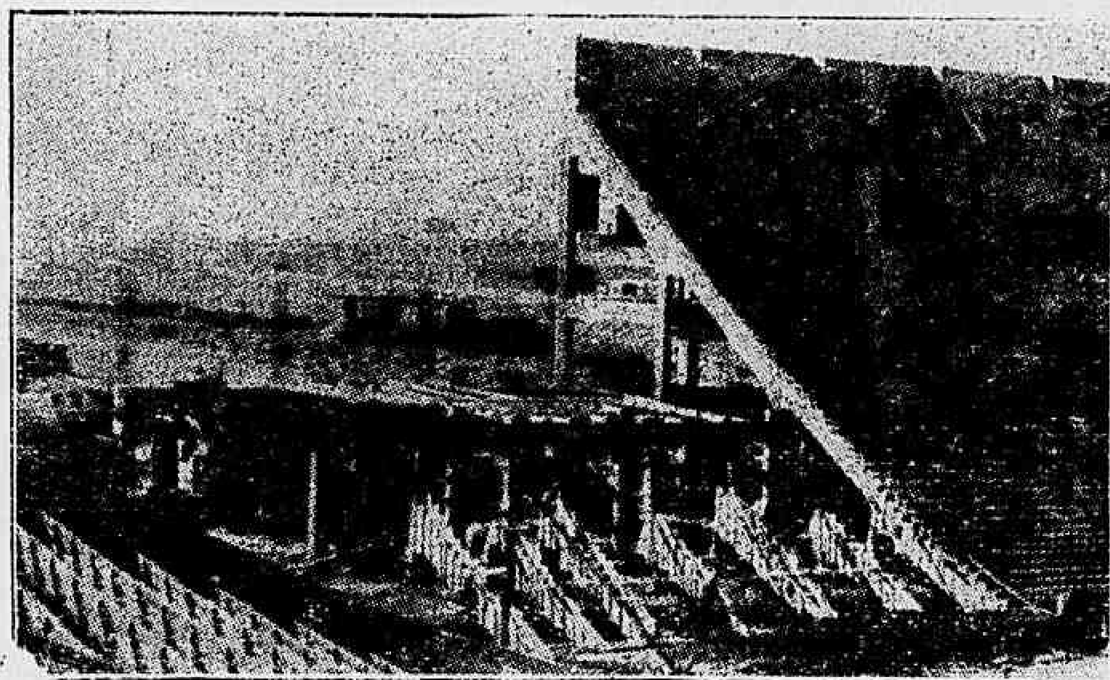
— E' difícil que o resto do campeonato venhamos a disputá-lo em nosso campo.

— E quando estarão terminados os trabalhos de remodelação e ampliação?

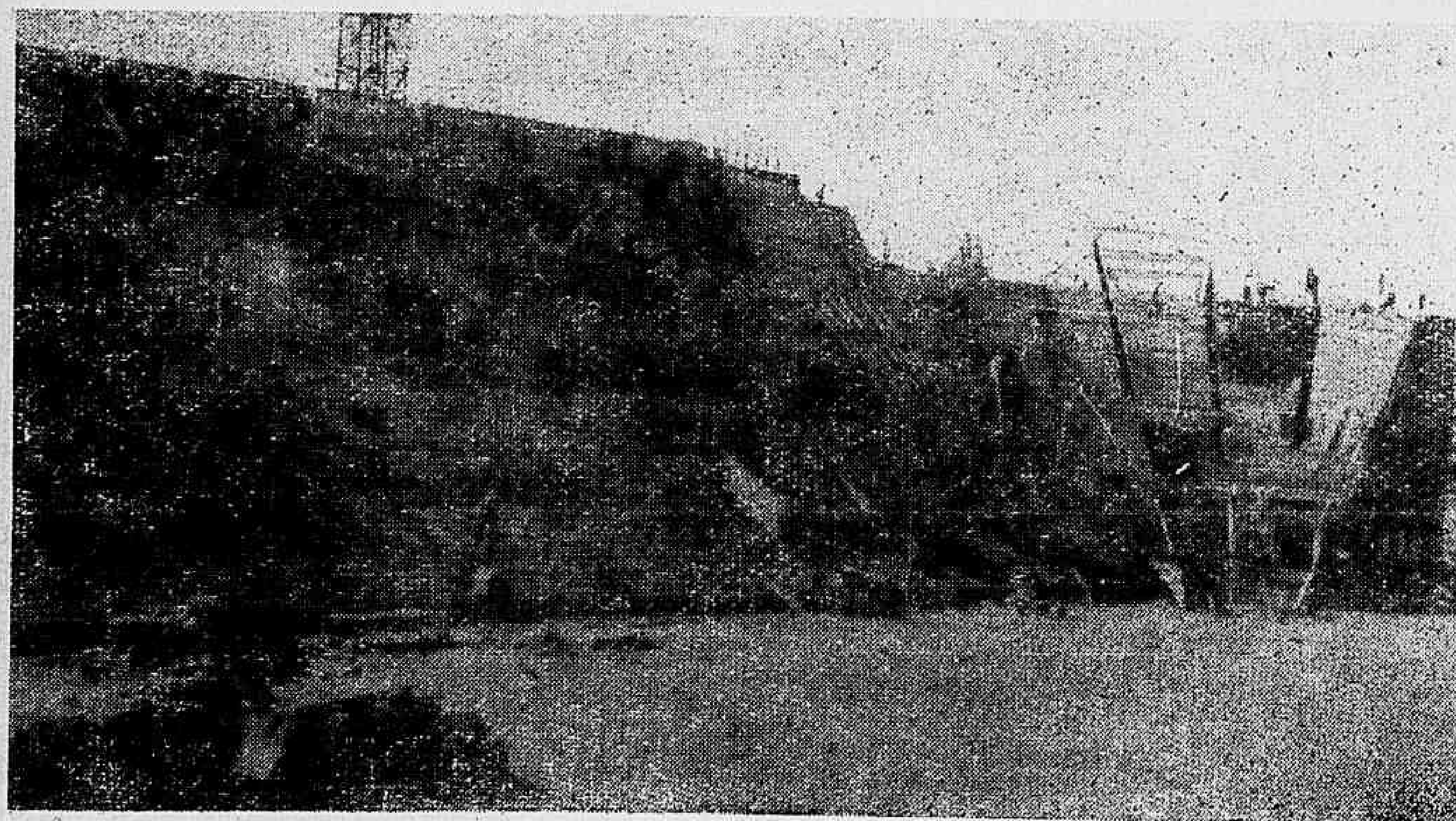
— Possivelmente no princípio do ano vindouro. Seremos então uns "locais" de verdade no próximo certame.

— Qual será a capacidade do estádio?

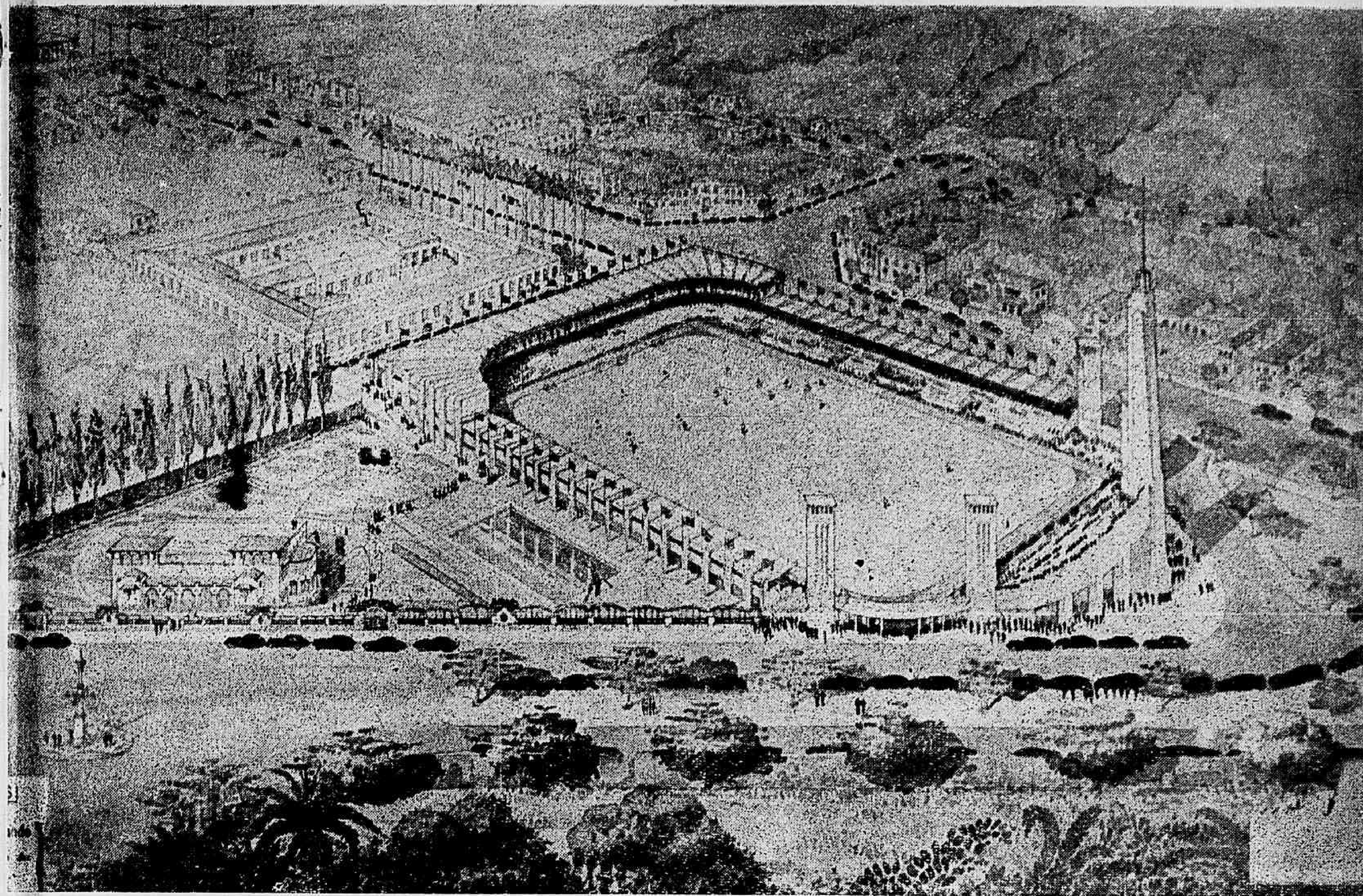
— Calculamos em cêrca de .... 100.000 pessoas que poderão abrigar-se confortavelmente em nossas amplas tribunas, totalmente construidas de cimento armado. O Velez oferece assim aos seus aficionados uma mostra da atividade de seus diretôres que tudo fazem no sentido de facilitar aos seus "hinchas" um melhor conforto, sem outro qualquer inconveniente. Será outro dos grandes estádios que contaremos, já que também no final do ano, terminarão as obras do estádio do Racing, ao mesmo tempo em que se anuncia estar o River Plate disposto a cerrar a cabeceira do seu estádio sôbre o Rio e desta forma o stádio dos "Milionarios" será o de maior capacidade em todo o país. Sôbre o estádio do Racing, temos a dizer que, o mesmo será levantado sôbre o velho terreno da Avellaneda. Suas obras serão um pouco retardadas em vista da escassez de material e, as vêzes, de braços especializados. Por outra parte é comum que êsses trabalhos se dilatem escapando aos prazos previamente fixados. Terão no entretanto de ter um pouco mais de paciencia porque a realidade haverá de compensar depois. Avellaneda contará com dois grandes estádios e pertencentes as instituições que, com sua rivalidade, tanto contribuiram em beneficio do futebol, pois delas surgiram craques que deixaram recordações imortais. O do Racing por ser mais moderno, contará com tôda classe de comodidade e será motivo de legítimo orgulho para a entidade e seus incondicionais partidarios. Em outras ocasiões já nos referimos sôbre a campanha da equipe principal do Racing expressando que outorga um "hindicap" apreciável o de não ter cancha própria. Um "team" que joga fóra do seu campo nunca é realmente o mesmo que joga em sua própria casa, onde se forma um clima de confiança, como evidenciam as estatisticas que acusam 70% dos pontos perdidos por cada equipe perdidos em "canchas adversarias e os restantes 80% em sua própria casa, embora o Boca no ano que passou tenha se constituido numa exceção em regra.



Os trabalhos marcham aceleradamente no estádio do Veley Sarsfield, que deverá ficar pronto para o campeonato argentino de 1949

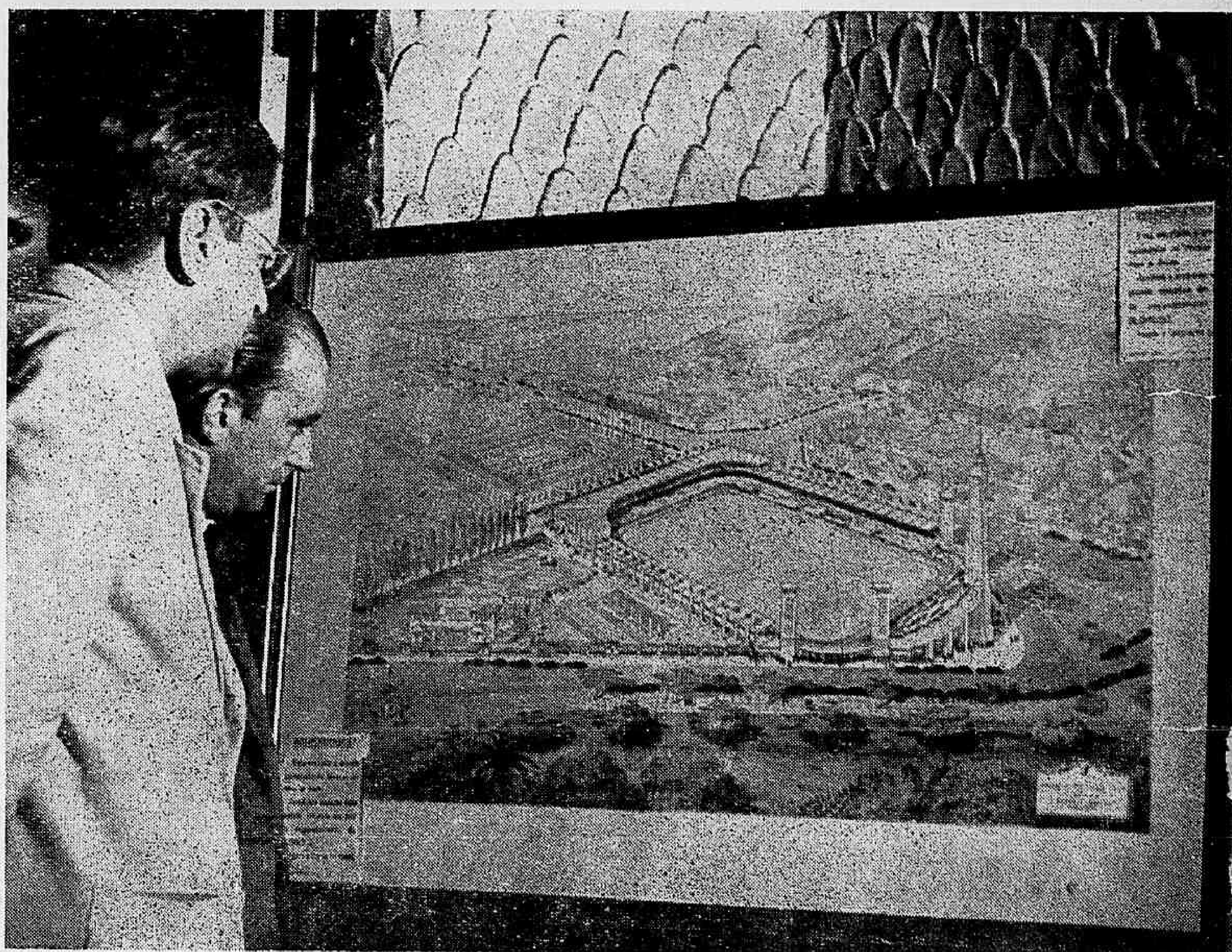


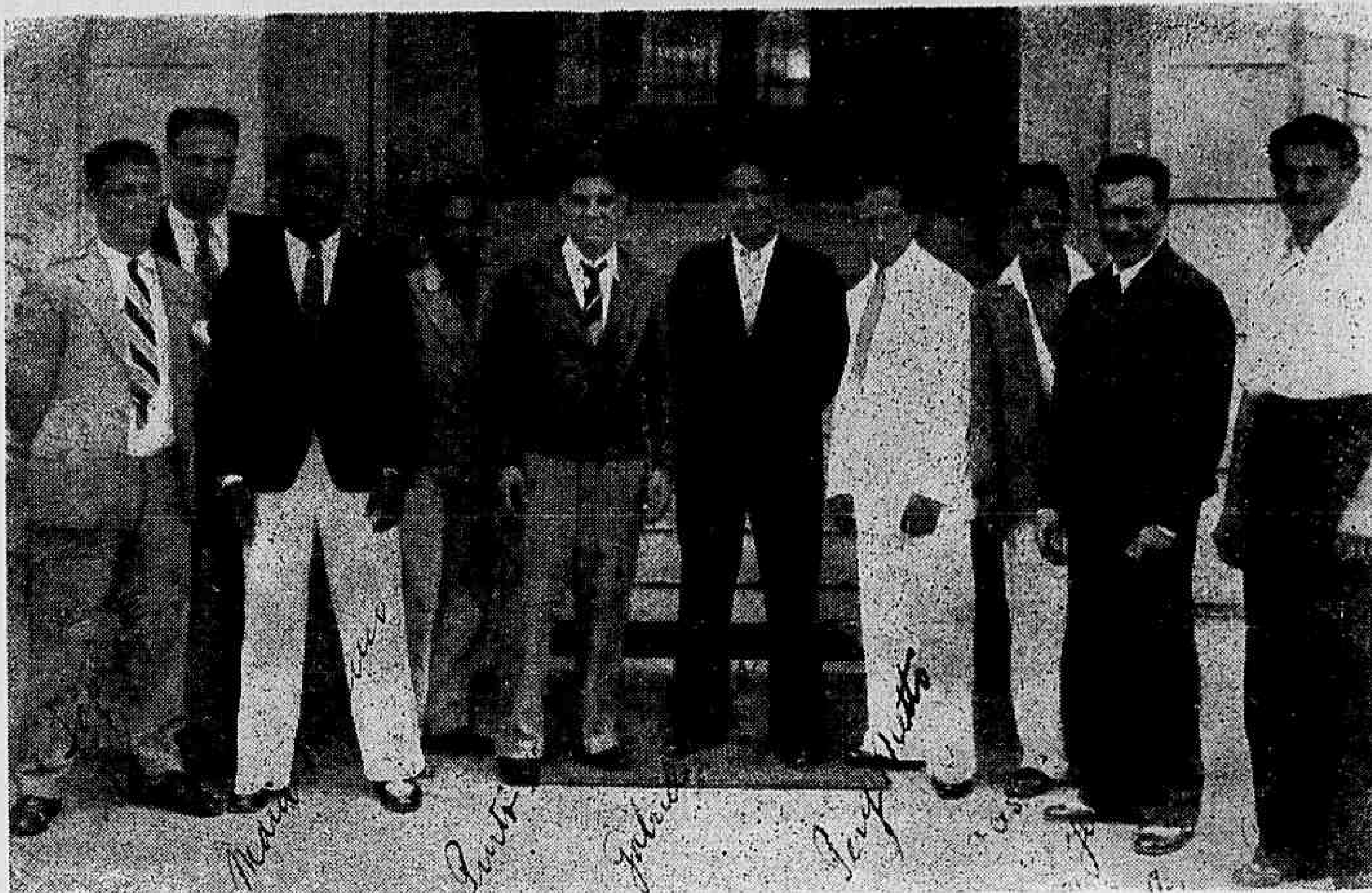
Outra vista das obras do estádi o do Veley Sarsfield, em Liniers



A CONCLUSÃO DO ESTÁDIO DO BOTAFOGO

O "estádio mais bonito do Brasil" conforme a crônica esportiva o cognominou quando da sua inauguração há anos, ainda está por concluir. O projeto da autoria do arquiteto Rafael Galvão, que por sinal é torcedor do alvi-negro, não pôde ser cumprido a risca dado as dificuldades da época, mas agora o presidente Carlito Rocha, que deu um campeonato pelo qual os botafoguenses batalhavam há 16 anos, está disposto a vencer mais esta batalha, para qual lhe foi hipotecada tôda a solidariedade dos associados do "Glorioso" por ocasião da mesa-redonda que promoveu com a finalidade de discutir êste problema. Dada a sua situação privilegiada no intrincado plano geográfico da cidade o estádio do Botafogo poderia alcançar maiores arrecadações se tivesse maior capacidade. No choque decisivo do campeonato foi preciso dobrar o preço das entradas para que a renda atingisse a cifra de Cr$.... 570.000,00, pois durante o campeonato apeans dois choques realizados em General superaram a casa dos 200 mil cruzeiros, os prélios com o Flamengo e o Fluminense. Avante pois botafoguenses. *Ao alto aparece o projeto original de Rafael Galvão, e em baixo, apreciando como ficará o estádio depois de pronto, Roberto Brando chefe do Departamento Técnico, e Francisco de Paula Job, desportista gaúcho, fã do alvi-negro.*





Um grupo de pugilistas com quem Isidro Sá privou no Rio, durante a temporada de abril de 1934, aparecendo, da esquerda para a direita: Tápia, Mário Francisco, Isidro Sá, Gabriel Pena, Pery Neto, Acosta, Jess Pratt e Canseco

A INFLUÊNCIA DE JOHN SULLIVAN NA CARREIRA DE ISIDRO SÁ

MÁIS UM CAPÍTULO DA CARREIRA DE ISIDRO

(Continuação)

Em diversas vêzes enviei-lhe um dêsses K. O. punches de direita, mas qual, o respeito que êles causavam não permitia colocá-lo como queria. Meu "left hook" também era bom, muito bom mesmo, e causou muitos estragos em Johnny Pena. A luta durou doze "rounds" e, de acôrd ocom as leis da Califórnia, os combates de mais de dez "rounds" não têm decisão. Uns jornais deram-me a vitória e outros a Pena.

Com essa luta fora do caminho, arrumei as malas e tomamos o trem que nos levou a Chicago, onde permanecemos um dia inteiro apreciando a Feira Internacional de Chicago. Ao anoitecer, tomamos o trem que nos levou a New York, onde ficamos três dias aguardando a saída do vapor para o Rio de Janeiro.

Embarcamos e doze dias depois estávamos no Rio. Horas antes do vapor atracar tive oportunidade de apreciar as belezas do Rio, Guanabara. Na realidade o Rio de fóra e de dentro da Baía de vera ocasião para apreciá-lo porera deslumbrante, antes não tique quando cheguei a primeira vez era apenas um garoto.

O Rio era a mais bela cidade que eu conhecia, mesmo incluindo New York e San Francisco. New York é realmente surpreendente com os seus tremendos arranha-céus e San Francisco não lhe fica atrás com as lindas e brilhantes pontes, a Golden Gate e a oakland Bay Bridge, mas as belezas de New York e San Francisco não são naturais.

A TEMPORADA NO RIO

Essa temporada consistia de oito combates, entretanto só realizei sete, ganhando quatro, empatando dois e perdendo um. Tive atuações boas e más. Quatro boas e três más. As que reputo boas foram contra Lofredo, Gambi, a primeira com Jack Tigre e a primeira com Gabriel Pena. As outras foram performances aquém das minhas possibilidades. Depois da primeira peleja com Pena, eu não voltei a ser o mesmo Isidro, senão seis meses mais tarde, depois de um bom repouso. Aquêle golpe no 2.º round conservou-me nas mesmas condições em que estava quando combati com o filipino Max Tarley: No mundo da lua!

Como pude me desvencilhar de tantos golpes nesse 2.º round em diante, é, confesso, um mistério para mim. Lembro-me de Pilar Drumond, o Palamenta, haver me perguntado algo, logo depois de me haver banhado, e eu não fiquei tranquilo até perguntar-lhe mais tarde, tudo o que eu havia respondido...

Lembro-me ainda, na manhã seguinte ao despertar, senti-me magoado e soube haver jogado e empatado. Mas ao passar as mãos pelos cabelos, notei-o liso e lavado. Teria eu tomado banho? Procurei recordar-me e lentamente comecei a relembrar que havia tomado banho e que o Palamenta me havia feito algumas perguntas, mas não tinha idéia do que lhe havia respondido.

Na realidade essa foi uma das mais bravas lutas em que me empenhei, aliás, estava uma má noite para mim, porque já havia batido melhores pugilistas que Pena, no Rio.

Descansei apenas uns dias, aliás insuficientemente, e três semanas depois estava escalado para me bater com Jack Tigre.

— "Pobre Jack", dizia eu, "vais pagar pelos máus pedaços que passei com Pena".

Comecei me preparando por uns dias e depois quando principiei a boxear, é que notei não ser o mesmo. Algo em mim tinha ficado abalado. As seis lutas que havia disputado, levaram oito meses e meio para serem realizadas e eu não queria perder mais tempo. Tinha que fazer a luta mesmo nas condições adversas em que me encontrava, custasse o que custasse, já havia gasto muito tempo no Rio, esperando por lutas e nessa ocasião, Kid Chocolate fazia uma tournée pela Califórnia. Minha ansiedade aumentava. Se lá estivesse, certamente o enfrentaria. Ganhasse ou perdesse, as possibilidades aumentariam para bons encontros futuros. Não me encontrando na California, Bobby Gray, uma das minhas vítimas, o enfrentou e o teve por terra! E deram o "match" como "draw".

Bobby Gray também havia empatado comigo na sua cidade, com jurados e referee da mesma localidade e um periódico chegou a dizer:

"Papai Noel deu um lindo presente a Bobby Gray na sua luta com Pinto de Sá. O homem das barbas brancas apareceu oito vêzes antes do tempo!"

Mas, voltando à luta com Jack Tigre, eu não a quis transferir para descansar, pois já estava cansado de tanto descansar! Precisava terminar quanto antes a minha temporada no Rio. Minhas condições físicas depois da luta com Pena, eram péssimas. Minha resistência ao castigo tinha ficado abalada. Ao preparar-me para Jack Tigre, tive de jogar muito cauteloso. Minha guarda já era como impenetravel, mas todo o cuidado era pouco. Os golpes, mesmo sem serem violentos, me abalavam. A ocasião requeria uma guarda cerrada e tinha de me defender de todo e qualquer golpe. A luta sem ser uma sombra da primeira em que tinha ganho quase todos os "rounds" com um dêdo fraturado, foi dada como empatada. Mesmo jogando pessimamente, levei suficiente vantagem, mas o resultado que os jurados deram foi êsse.

Lutei depois com Pena, o pugilista argentino, numa luta tão "brilhante" como essa última com Jack Tigre e como me favorecessem na primeira luta com Pena, desta vez os jurados quiseram regular a diferença e deram-na como perdida. Havia mais uma luta para terminar meu contrato, mas consegui com o promotor rescindí-lo e embarquei para New-York.

Em chegando a New York, tomamos o trem para a Califórnia, com escala por Chicago, onde fomos muito bem recebidos pelos nossos amigos, fãs e, também, pelos "managers" e promotores que tinham sabido do rompimento do meu contrato com Perry no Rio, para onde havia me seguido acompanhado de Joe Zeman.

Depois de descansar um mês, comecei a frequentar novamente o ginásio. Os "managers" não me deixavam. Dois dos que mais preferia, eram um de San Francisco e outro de Los Angeles. A situação era critica e resolvi então jogar sem "manager" por uns meses. Tinha quem me preparasse e quando me encontrava em regulares condições, dei o "grito de guerra!" Mas, oh! surpresa! As leis da California não permitiam um pugilista jogar sem "manager"!

Resolvi então assinar contrato por seis meses com quem vinha me preparando. Dessa forma, reiniciei a minha carreira. Charles Manina foi o meu preferido para a estréia depois de vir do Rio. Realmente foi com prazer que aceitei nova luta com êle. Já tinhamos pelejado duas vêzes, na primeira êle venceu-me devido ao corte que recebi na testa, mas na segunda, desforrei-me dando-lhe uma surra de mestre! Sim, para começar e uma vitória por K. O. não era nada mal para grandes manchetes nos jornais. Êle foi o escolhido para combatermos em San José, California, onde fomos pôstos no cartaz. Eu sentia-me bem e forte. O descanso da viagem e mesmo depois de chegar, havia me feito muito bem. Golpes fortes que recebesse agora não me faziam sequer pestanejar. Estava disposto a obter uma vitória insofismavel, uma vitória que não deixasse a menor dúvida. Fomos para o quadrado e no primeiro "round" "o páu comeu até a porca torcer o rabo". Vim para o meu canto e, embora talvez não tivesse ganho o "round", calculava que já o iria ver mais "mole" no 2.º "round". A coisa não correu como tinha planejado e êle mais agressivo, ganhou o "round".

A batalha não estava me agradando e ao chegar o 3.º "round" decidi, ou vai ou racha!... E atirei-me com vontade e graças a um tremendo esforço, ganhei o "round". Seguiu-se assim a luta arduamente disputada, sem tréguas até ao fim do 5.º assalto. Em outra e última arrancada, consegui ganhar o 6.º "round". Daí por diante o feitiço virou contra o feiticeiro. Vinha já sangrando abundantemente desde o 3.º "round", recebi um corte no supercilio direito no 4.º "round"; debaixo do olho esquerdo foi aberto outro corte no 7.º assalto e nem sei como consegui terminar a luta de estréia, considerada por mim como apenas "um bom ensaio". Perdi aos pontos, pois ganhei somente os 3.º e 6.º "round", tendo empatado o 1.º "round".

Minha reputação tinha sofrido forte abalo com essa derrota e tive que ficar de "môlho" cêrca de dois meses, a fim de curar o corte, sendo preciso também fazer uma operação no nariz. Manina o havia arrebentado. Depois dêsse repouso forçado, eu tinha que lutar para que aquela derrota fosse esquecida. Assim foi que me sentindo bem, recomecei os treinos, tendo especial cuidado com o meu nariz. Lutei algumas vezes, readquirindo a minha melhor forma. Então lembrei-me que Manina tinha que me prestar contas. Êle me havia ganho duas vêzes, uma por pontos e outra por K. O. T., devido ao corte na testa. A minha vitória tinha sido por K. O. T. Essa luta, a quarta, foi tão disputada como as outras e, encontrando-me em esplêndida forma, consegui desforrar-me por K. O. T., depois de superá-lo em quase todo o combate; estava afiadissimo e disposto para enfrentar o mais categorizado adversário. Com essa desforra tão conclusiva. não havia dúvida que conseguiria bons oponentes para enfrentar.

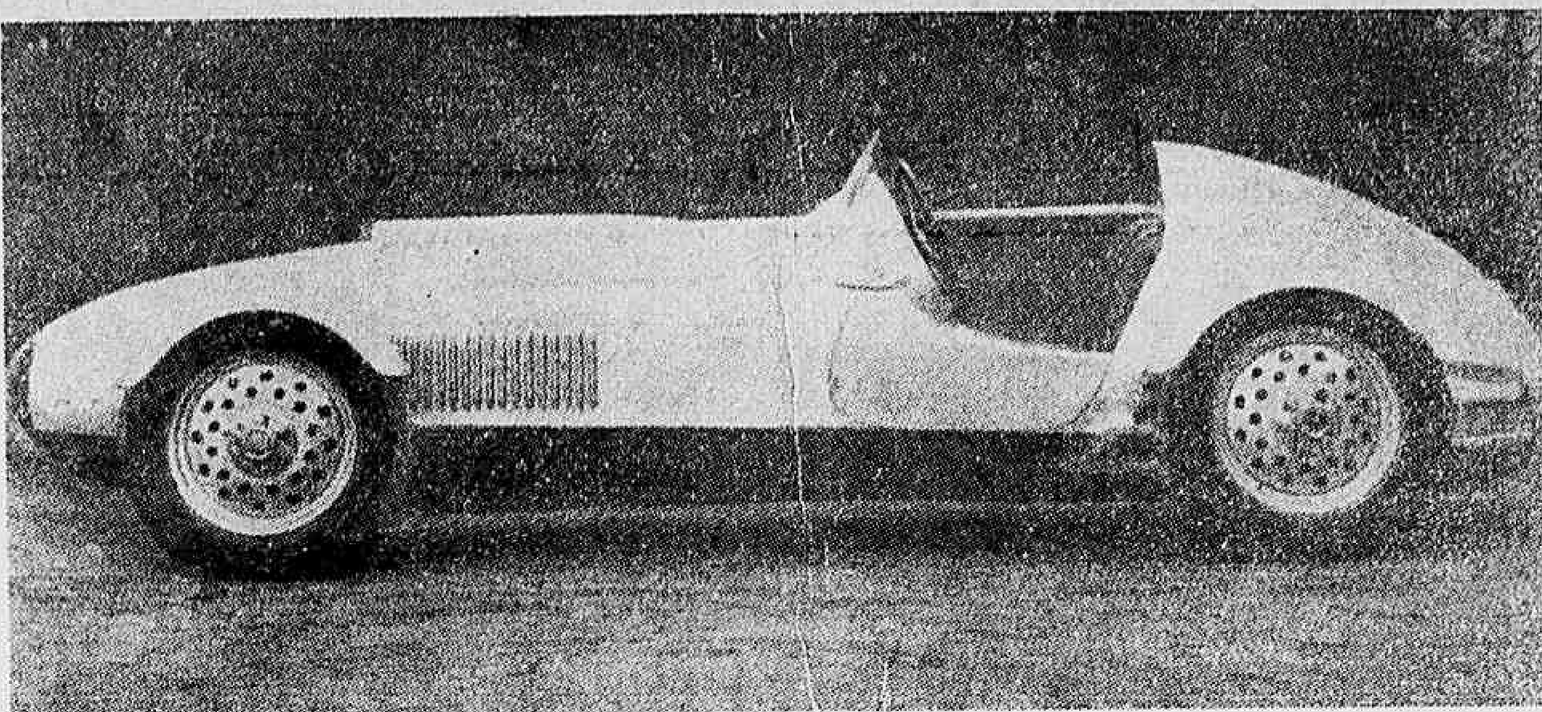
Voltei, assim, ao ginásio e recomecei os treinos, pois sempre foi meu hábito estar sempre preparado, tivesse ou não luta marcada, e isso era assim dêsde meus tempos de amador. Encontrava-me regularmente preparado, quando o meu "manager" disse-me:

(Continua)

Antes de entrarmos no assunto que vamos comentar, para justificar o título acima, iniciemos fazendo um pequeno retrospecto das atividades automobilísticas internacionais.

Em 1894, foi realizada pelo periódico francês "Petit Journal" a primeira corrida de automóveis no mundo. Foi chamada "uma corrida para carros sem cavalos", sendo o seu percurso de 126 quilômetros, na estrada de Paris-Rouen. Nessa competição, tomaram parte 112 carros, a saber: 39 carros a vapor, 33 a gasolina, 5 elétricos, 5 de ar comprimido e 25 de vários sistemas.

O primeiro a terminar a prova foi um carro movido a vapor, o qual foi desclassificado por não satisfazer as condições da competição. Assim, foi declarado vencedor um carro "Peugeot" que fez o trajeto com a velocidade média de 20,5 quilômetros por hora. Em segundo, um outro "Peugeot" e, em terceiro, um "Panhard-Devassor". O interessante a ser registrado é que êsses três carros vencedores, estavam equipados com motor "Daimler", de fabricação alemã, de modo que essa primeira corrida de automóveis no mundo foi um grande triunfo da indústria alemã de motores.



O RECEIO NAS COMPETIÇÕES AUTOMOBILÍSTICAS

PREOCUPAÇÕES COM A CONCORRÊNCIA ALEMÃ

Nos anos seguintes, continuaram vencendo os automóveis "Mercedes-Benz". A velocidade foi crescendo ràpidamente, até que, em 1911, um carro "Benz" de 200 H.P. atingiu 228 km./h., "record" êsse que não foi superado até 1920.

Pouco antes da guerra 1914-18, o "Grand Prix de France" foi vencido por três carros "Mercedes", pilotados por Lautenschlager, Wagner e Salzer. Até essa época, considerava-se a citada competição como a prova mais importante, no mundo.

No após-guerra, a Alemanha, como país vencido, entra em franca decadência, é afastada de tôdas as competições desportivas, e eis que surge a era das "Bugattis" e "Alfas-Romeo".

Os italianos se envaidecem de seus carros, da sua indústria de motores, até que, ao entrarmos no período 1934-39, com a ajuda do govêrno alemão, as casas "Mercedes-Benz" e "Auto-Union", começam a fabricar, dentro de orientação inteiramente nova, podemos mesmo dizer revolucionária, e os outros concorrentes passam a ser simples participantes, sem possibilidades de vitória.

A princípio, não se devia exceder os 750 quilos por carro, nem medidas estabelecidas em regulamentos. Em relação ao peso dos carros, houve uma redução de quase 30%.

Quanto à "Auto-Union", pilotada pelo nosso conhecido Varzi, venceu em Trípoli, e onde se registrou um caso interessante e curioso. O pêso do carro excedia os 750 quilos estabelecidos pelos regulamentos da prova. Os técnicos dessa conhecida marca, tiveram grande

Por **AFONSO CASTILHO FREIRE** (1.º secretário do Automóvel Clube do Brasil) especial para o "ESPORTE ILUSTRADO"

trabalho para enquadrar o carro dentro das especificações exigidas. Começaram por retirar a pintura do carro, com o que conseguiram reduzir uns 4 a 5 quilos; depois foram as almofadas, em seguida, o pequeno para-brisa e, por fim, os amortecedores de ferro fundido foram substituidos por outros de alumínio, o que causou grandes apreensões ao piloto Varzi. Com tôdas essas modificações conseguiram os técnicos alemães colocar a "Auto-Union" de acôrdo com as características regulamentares.

Pouco antes da segunda guerra mundial, os especialistas alemães, fabricavam motores com potência superior aos 300 H.P., atingindo velocidades superiores aos 320 km./h. e com a relação pêso-potência de 2,5 quilos por H.P.

Novo cataclismo, o de 1939-45, a Alemanha novamente é afastada das competições automobilísticas internacionais, desta vez, até com a intervenção da "Federation Internationale de l'Automobile" (F.I.A.), antiga A.I.A.C.R. que, depois de diversas reuniões, excluiu não só o corredor alemão, como também o carro de fabricação alemã. Grande gesto de espírito desportivo!

No momento, só se fala nas "Alfetas", nas "Maserattis". No campo do carro "sport" estão as "Ferrari", "Cisitalia", etc.

Mas as novidades estão se aproximando. O período de pacificação no terrenos desportivo está perto. Já se cogita da admissão do concorrente alemão, pelo menos veja-se o que nos conta o jornalista italiano, sr. Conrado Millanta: "No âmbito da produção desportiva internacional há novidades das quais vale a pena se falar. Trata-se da velocidade excepcional no campo dos carros "sport".

Há diversos meses, chegou-nos de fonte digna de fé, uma notícia interessante. Alguém, muito ao corrente de tudo quanto acontece no âmbito automobilístico germânico, nos tinha de fato comunicado que em 1940, a B. M. W. (Bayerische Motoren Werke), de Munich, havia construido um motor de 6 cilindros, 2 litros de cilindrada, com duas árvores de comando de válvulas na cabeça (solução nova para esta fábrica), com a potência em tôrno de 155 H.P., correspondendo a 78 H.P. por litro, rendimento que ainda no momento atual é considerado um progresso enorme.

Êste motor, construido em pouquíssimos exemplares, foi, naquele tempo, considerado como guia e deveria ser instalado sôbre o chassis "328", tipo especial "1000 Miglia", sòmente no caso de a concorrência se revelar mais perigosa.

Sustenta-se, então, que o motor "328", isto é, o conhecido 6 cilindros, com câmara de explosão emisférica e válvulas a 90º, comandadas por meio de astes e balancins de uma única árvore de comando de válvulas situada na base do motor, que na versão "Mille Miglia", dava cêrca de 130 H.P., fôsse suficiente para superar a prova, e pouquíssimos foram aqueles que vieram a conhecer a existência dêste novo motor. (Cont. no próx. núm.)

CRÔNICA DO CEARÁ

EU VI O "FLUMINENSE" CAIR...

ÍNDIO DO JAGUARIBE

Fortaleza (ESPORTE ILUSTRADO) — A cidade amanheceu calma e na Praça do Ferreira eram falhas as rodinhas dos nossos aficcionados. A falta de jornais nesta manhã agradável de 49 deu margem a que os comentários em tôrno da partida de ontem fôssem limitados. Apenas verifiquei no "placard" de "O Democrata", várias pessoas que sentadas, comentavam a queda do tricolor carioca. Os mais entusiasmados ainda estão em suas casas, comentando com os seus filhos, essa vitória do Ferroviário, que considero como o maior feito do futebol cearense, em todos os tempos!...

★

Quando cheguei ontem à tarde ao "Estádio Getúlio Vargas", já havia terminado o primeiro tempo e o "placard" acusava 1 x 0 pró-locais.

Nessa ocasião, não fiquei surpreso, pois em sua partida inicial, o Fluminense perdia de 1 x 0 e acabou vencendo por 5 x 1.

Daí em diante, o juiz carioca dava início à segunda fase da peleja, e, durante trinta e tantos minutos, eu assisti a uma partida bem movimentada, cheia de ataques e lances sensacionais, tanto dos cariocas, como dos cearenses. Os cariocas, que são mestres em fintas e passes magistrais, procuravam a todo custo vasar a meta guardada por Zé Dias, mas êle estava mesmo num grande dia, fazendo defesas admiráveis.

Com os tricolores cariocas à meta cearense, voltavam os locais ao campo adversário, e a confusão reinava, mas o perigo desaparecia como por encanto.

O trabalho da defesa alencarina era seguro e eficiente, não permitindo que o grande clube carioca realizasse outra façanha em nossa terra.

E, quando faltavam poucos minutos para o término da porfia, a linha dos locais, em uma bonita avançada ao terreno carioca, marca o seu segundo tento, consolidando, assim, a sua surpreendente vitória!

★

2 x 0 acusava o marcador e os cariocas passaram a fazer séria pressão ao Ferroviário, valendo tudo nêsse final. Cêra local, faltas dos visitantes, que eram dispensadas pelo juiz (uma negação), e até um visível "penalty" do Fluminense.

★

Por que o Fluminense perdeu?

Qual a desculpa que os cariocas terão para a sua torcida no Rio?

Nenhuma. Perderam por que ontem foi um grande dia para o nosso futebol.

Perderam a parada à falta de Orlando e em virtude de seu estado esgotado com a dura parada no Maranhão e tiveram pela frente um time da fibra do Ferroviário, que, em partidas interestaduais, tem-se conduzido com segurança.

★

E assim aconteceu o que jamais esperei ver aqui no Ceará: a queda do Fluminense.

Com o seu juiz, e com aquela parcialidade visível dos últimos instantes, os cariocas não tiveram para quem apelar, e, em minha opinião, Bigode tem grande culpa nessa derrota, pois não apresentou a sua produção de sempre.

São coisas do futebol...

Os grandes, às vêzes, perdem para os pequenos, e a vitória do Ferroviário, vale mais do que um campeonato.



O quadro do Ferroviário, que abateu o Fluminense, por 2 x 0



Roque Rafagnelli, zagueiro do Vasco, cujo passe o Bangu comprou por 180 mil cruzeiros

VÔOS A GRANEL

Mais uma dezena de boatos colheu o repórter mexeriqueiro na garipagem de novidades no noticiário dos jornais, nos meios bem informados, nos circulos autorizados dos clubes, nas esquinas e nos cafés.

O zagueiro Rafagnelli, conquistado pelo Bangu foi a grande bomba da semana que passou. O preço do seu passe estava ao alcance de um Fluminense, de um Flamengo de sorte que o arrôjo da iniciativa dos "mulatinhos rosados" causou surpresa aos torcedores do futebol carioca, principalmente aos dirigentes tricolores que levaram uma rasteira em regra dos paredros do estádio proletário, pois tiveram a audácia de pagar 180 mil cruzeiros pelo passe do zagueiro santafecino.

No setor rubro-negro houve uma reviravolta na transferência do zagueiro Juvenal que ficou mais valorizado com a oferta de um clube paulista, e por isto é um pouco duvidosa a sua vinda para a Gávea. Vamos esperar maiores esclarecimentos. Voltou-se a falar na ida da Biguá e Jayme para o Corinthians, assim como o médio esquerdo estaria em entendimentos com o Botafogo. Jair figura nas cogitações do Ypiranga, de São Paulo e do Bangu, ora em febre de grandes aquisições. O Flamengo estaria disposto a conceder transferência de Zizinho para o Vasco por 500 mil cruzeiros, vingando-se da quantia cobrada pelo grêmio cruzmaltino quando da cessão de Jair. Até os departamentos técnicos rubro-negro foram atingidos pela tromba de boatos. Falou-se que Newton Paes Barreto, que foi o médico convidado a retornar à Gávea, mediante luvas do tri-campeonato do Flamengo, e que em 1948 assistiu à equipe campeã do Botafogo, fôra de 50 mil cruzeiros e 5 mil cruzeiros mensais. Caso se confirme êste, consta que Paes Barreto inauguraria o sistema de luvas entre os médicos. No que diz respeito à preparação do Internacional, campeão gaúcho de 1948, estaria disposto a orientar o conjunto rubro-negro.

O Bangu começou 1949 disposto a fazer um time, anunciou-se que Volante, ex-defensor do quadro, e que foi o técnico que dirigiu o grande quadro para poder passar do quarto para os primeiros lugares e repetir a proeza de 1933, quando levantou o primeiro campeonato de profissionais. Depois de conquistar Rafagnelli, o grêmio alvi-rubro pretende Djalma, Jair, e um grande goleiro. O primeiro "keeper" visado foi Oberdan, mas nada conseguindo; as atenções foram voltadas no sentido de Pianowski, arqueiro do Ferroviários, da seleção paranaense, indicado pela entidade dos pinheirais a figurar na representação nacional. O zagueiro Miguel, do Bonsucesso, que esteve nas cogitações do Flamengo, figura agora na lista do Bangu, que também deseja o concurso do centro-médio Mirim, do Fluminense, e o tricolor, para fazer o clube suburbano desistir do seu intento fixou o passe em 250 mil cruzeiros. Mas quem gastou 180 mil cruzeiros e dispõe de 1 milhão de cruzeiros para aquisições de vulto, os 250 mil pedidos pelo Fluminense não constituirão obstáculo difícil.

O Olaria continua na ordem do dia. O seu presidente disse que ninguém sai da rua Bariri, com exceção de Cláudio, cujo passe está à venda e de Limoeiro, que tem passe livre. O médio Valter, que era pretendido pelo Flamengo, continuará firme no "benjamim" da entidade. Eis que figuram nas cogitações do Olaria: Rubens, zagueiro do Corinthians, e Nenê, médio direito do Santos.

No Vasco da Gama, anuncia-se que o clube não fará aquisições para 1949. Promoverá os aspirantes Ernani, Aêdo e Pacheco. Ismael ficou desgostoso por não ter sido incluído na equipe que ora faz uma temporada no México, logo êle que foi a chave da vitória no Sul-Americano dos Campeões, em Santiago do Chile. Pediu o preço do seu passe, e o Vasco fixou-o em 100 mil cruzeiros. Além de Friaça, mais um jogador está em litígio financeiro com o grêmio da cruz de malta, o zagueiro Augusto, por causa de uma diferença de 70 mil cruzeiros na renovação do contrato.

Nívio e Carlyle estão fora das cogitações dos clubes que os pretendiam, pelo menos provisòriamente, porque renovaram contrato com o Atlético Mineiro, recebendo de luvas 100 mil cruzeiros cada um. O Bonsucesso, por sua vez, não cederá Mariano ao América Mineiro, e Maxwell, do América, pretende ingressar no Ponte Preta, de Campinas.

Todos os esportes

DIARIO DA VIDA ESPORTIVA

Por YVEL NAMIELK "O Repórter Sete Dias"

Domingo — Dia 2 de janeiro de 1949

Placard do dia: Em Fortaleza, Ceará, Ferroviário 2 x Fluminense 0. — Em São Paulo, Ipiranga 2 x América, do Rio, 1. — No Rio, Flamengo 2 x América Mineiro, 2. — Seguiu para o México, a equipe do Vasco, onde disputará uma série de jogos. Na piscina do Fluminense, foi disputado o campeonato carioca de saltos ornamentais, sagrando-se vencedor César Muniz, do tricolôr, com 50,63. — Em Barcelona, Espanha 1 x Bélgica 1. — Faleceu em Londres, Sir Malcom Campbell, famoso recordman do mundo em velocidade em automóvel e em barcos-automóveis. Morreu aos 63 anos de idade.

Segunda-feira — dia 3 de janeiro de 1949

O Fluminense rescindiu, amigavelmente, o contrato do médio Grande. — Morreu o meia Otacilio, que atuou no Bangu e América, vítima de insidiosa moléstia. — O Manufatura foi e juvenis a 2.ª categoria da F. M. F., assim proclamado campeão das divisões de amadores como foi considerado o detendor da Taça Eficiência da classe. O título de campeão da disciplina da 2.ª de amadores coube ao Cruzeiro.

Terça-feira — dia 4 de janeiro de 1949

O Bangu comprou o passe do zagueiro Rafagnelli, que pertenceu ao Vasco, por 180 mil cruzeiros, sendo que o jogador foi contratado por 1 ano, e receberá de luvas a importância de 10 mil cruzeiros. — O goleiro Nenem, do Madureira, recorreu ao C. N. D. da suspensão de 360 dias que lhe foi importa pela F. M. F. — Hélio da Cruz Oliveira foi reeleito presidente do Canto do Rio. O Conselho Deliberativo do Bonsucesso elegeu, por unanimidade, para a presidência do clube, Wilson Xavier. — A Tchecoslovaquia retirou a sua inscrição ao campeonato mundial de futebol em 1950.

Quarta-feira — dia 5 de janeiro de 1949

Chile, Equador e Paraguai inscreveram-se na Copa do Mundo. — Os representantes do Botafogo, Flamengo, América, Fluminense e Vasco reuniram-se na séde do Fluminense, para estudar uma reforma na regulamentação da F. M. F. — O Grajaú Tênis Club vice-lider da série "A" do campeonato carioca de aspirantes de basquete derrotando o Mackenzie, vencedor do grupo "B", pela segunda vez consecutivel, assegurou ao Flamengo o título de campeão carioca de aspirantes. — Alfredo Curvelo, recusou a vice-presidência do futebol do Flamengo, cargo para o qual foi convidado pelo novo presidente rubro-negro. — A argentina inscreveu-se no campeonato mundial de 1950.

Quinta-feira — dia 6 de janeiro de 1949

No Fla-Flu disputado em Fortaleza, Ceará, o tricolôr derrotou o rubro-negro por 5 a 2, depois de estar vencendo por 4 a 0. — Na capital bandeirante iniciou-se o Torneio R. Monteiro, que conta com a participação dos clubes paulistas, Palmeiras, Corintians, São Paulo e Portuguesa de Desportos, e o Fluminense, do Rio. No primeiro choque o São Paulo derrotou a Portuguesa por 3 a 1.

Sexta-feira — dia 7 de janeiro de 1949

A Federação Metropolitana de Basket proclamou o Flamengo e Fluminense, campeão e vice-campeão da 1.ª divisão, o Flamengo e Grajaú Tênis, campeão e vice-campeão o da categoria de aspirantes, e o Clube dos Aliados e Sampaio, campeão e vice-campeão do Torneio de Suficiência.

Sábado — dia 8 de janeiro de 1949

No jógo revanche do Fla-Flu, disputado em Salvador, Bahia, o Flamengo desforrou-se do Fluminense, derrotando-o por 5 a 0. — Heleno voltou de Buenos Aires para passar férias no Rio.

PLACARD FUTEBOLISTICO

Quinta-feira — Dia 6 de janeiro de 1949 — FLUMINENSE 5 x FLAMENGO 2 (Fluminense 1 a 0). Em Fortaleza — Ceará — Simões (4) e Hélvio (Fluminense), Hélvio (contra) e Jair (Flamengo) — Juiz: Pedro Morais Sobrinho, fraco. FLUMINENSE — Castilho: Pindaro e Hélvio: Pé de Valsa, Índio e Bigode: Santo Cristo, (109), Emilio (Santo Cristo), Simões, Orlando, (Rubinho) e Rodrigues. FLAMENGO — Luis: Norival e Miguel (Nilton): Biguá, Bria e Jaime, (Beto): Luizinho, Moacir (Gringo), Gringo, (Jaime), Jair e Hélio.

Sábado — dia 8 de janeiro de 1949 — FLAMENGO 5 x FLUMINENSE 0 (2x0). Em Salvador — Bahia — Durval (2), Hélio (2) e Gringo. Juiz: Antônio Bernardo, fraco. FLAMENGO — Doli; Nilton e Norival; Biguá, (Miguel), Bria e Jaime, (Beto); Luizinho, Durval, Gringo, Jair (Moacir) e Hélio. FLUMINENSE — Castilho; Pindaro (Pé de Valsa) e Hélvio; Índio, Pé de Valsa (Bigode) e Bigode, (Mário), 109 (Ivson), (Emilio), Emilio, (Rubinho), Simões, Orlando e Santo Cristo.

Domingo — dia 9 de janeiro de 1949 — AMÉRICA 3 x BATATAIS 1 (2x0). Em Batatais — São Paulo — Ranulfo, Lima e Leo (América) — Vicente (Batatais) — Juiz: Moura Leite (regular) Cr$ ...... 55.000,00. AMÉRICA — Vicente, (Osni); Joel e Jalves: Hilton Viana, Spinola e Gamba: Leo, Ranulfo, Maneco (Baiano), Lima e Esquerdinha. BATATAIS — Luizinho: Wilson e Stacis: Piolim, Ferreira e Itamar: Dido, Américo, Vicente, Waldemar e Goiano.

VASCO 4 x AMÉRICA MEXICANO 3 (Vasco 2 a 1). Na Cidade do México — Ademir (2), Ipojucan e Dimas (Vasco), Casarin (2), e Iturralde (América Mexicano) — Juiz: Gabriel Nieto, regular. Cr$ 1.000.000,00. VASCO — Barbosa: Augusto e Wilson; Eli, Danilo e Jorge: Friaça, (Nestor), Ademir, Pacheco, (Dimas), Ipojucan, (Mâneca) e Chico. AMÉRICA — Landeros (da equipe do Tampicos): Ayala, (Cojora), e Gutierrez: Ortiz (do team Marte), Ochoa e Hernandez: Quosada, Cruz, Casarin, (da equipe do Espanha), Iturralde (do team do Austurias) e Arnauda.

Em São Paulo: Torneio Relampago, Corintians 3 x Palmeiras 2.

PELO REEMBOLSO POSTAL

CASIMIRAS ✱ LÃS

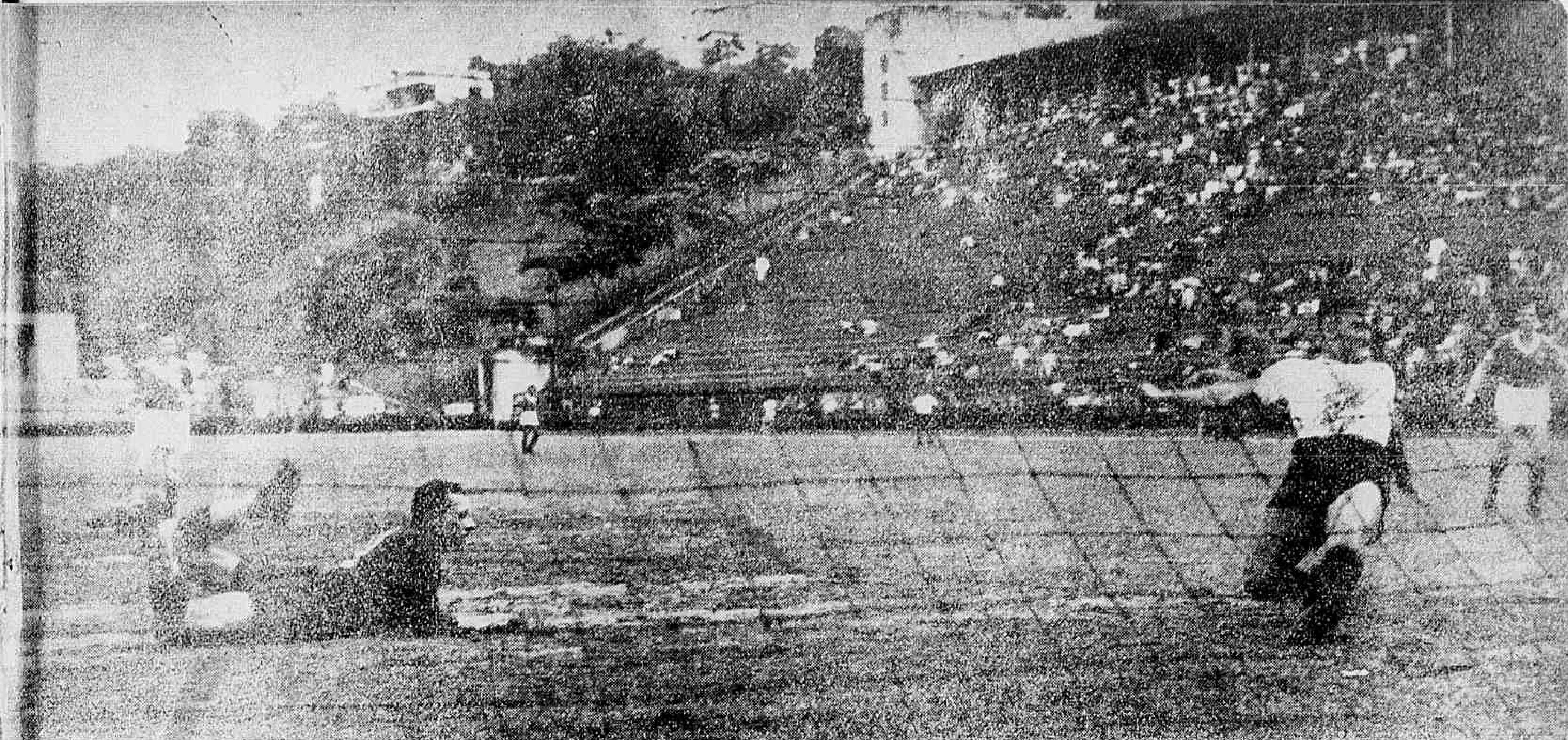
Tropical Maracanã, 8 côres, larg. 150 cm		metro Cr$ 225,00
Tricotine Maracanã, 8 côres, larg. 150 cm		metro Cr$ 275,00
Casimira, fantasia, côr firme, larg. 150 cm	corte c/2,80 ms.	Cr$ 150,00
Tropical, liso e listrado, em 10 côres modernas	corte c/2,80 ms.	Cr$ 205,00
Casimira listrada, 10 côres modernas, 150 cm	corte c/2,80 ms.	Cr$ 215,00
Casimira "AURORA" azul marinho e preto	corte c/2,80 ms.	Cr$ 658,00
Casimira azul marinho, 150 cm larg., ótima qual.	corte c/2,80 ms.	Cr$ 200,00
Casimira, lã e séda, listrada, larg. 150 cm.	corte c/2,80 ms.	Cr$ 256,00
Cambraia listrada, 8 côres modernas	corte c/2,80 ms.	Cr$ 210,00
Linhos, branco, beige e cinza		metro Cr$ 35,00
Linhos, irlandês, fantasia, várias côres		metro Cr$ 50,00
Linho "LONDON", branco, beige e cinza		metro Cr$ 60,00
Linho, extra-forte, beige		metro Cr$ 45,00
Brim, extra-forte, tipo tchecoslovaco	corte c/6,50 ms.	Cr$ 160,00
Lã Jersey p/senhoras, 22 côres modernas, larg. 140 cm.		metro Cr$ 60,00
Lã Jersey p/senhoras, 22 côres modernas, larg. 140 cm. de matéria prima estrangeira		metro Cr$ 75,00

LINHOS ✱ TROPICAIS

As despesas de remessa correm por conta do comprador
ACEITAMOS REPRESENTANTES EM TODAS AS CIDADES DO BRASIL

TH

TECIDOS HELLER S/A
RUA DO SENADO 54 — Endereço Telegráfico: "TECIDOSHELLER"
Correspondência para a Caixa Postal 5.336 — RIO DE JANEIRO — D. F.



O primeiro "goal" do Palmeiras, assinalado por Osvaldinho, vendo-se Bino, completamente batido

O TORNEIO R. MONTEIRO

AS DUAS PRIMEIRAS PARTIDAS

Depois de terminado o campeonato, paulista foi iniciado o Torneio R. Monteiro, promovido pelos principais clubes da Capital e mais o Fluminense do Rio de Janeiro. Até o momento duas foram as partidas efetuadas, sendo que, a primeira teve lugar na quinta-feira da semana passada, no estádio do Pacaembú.

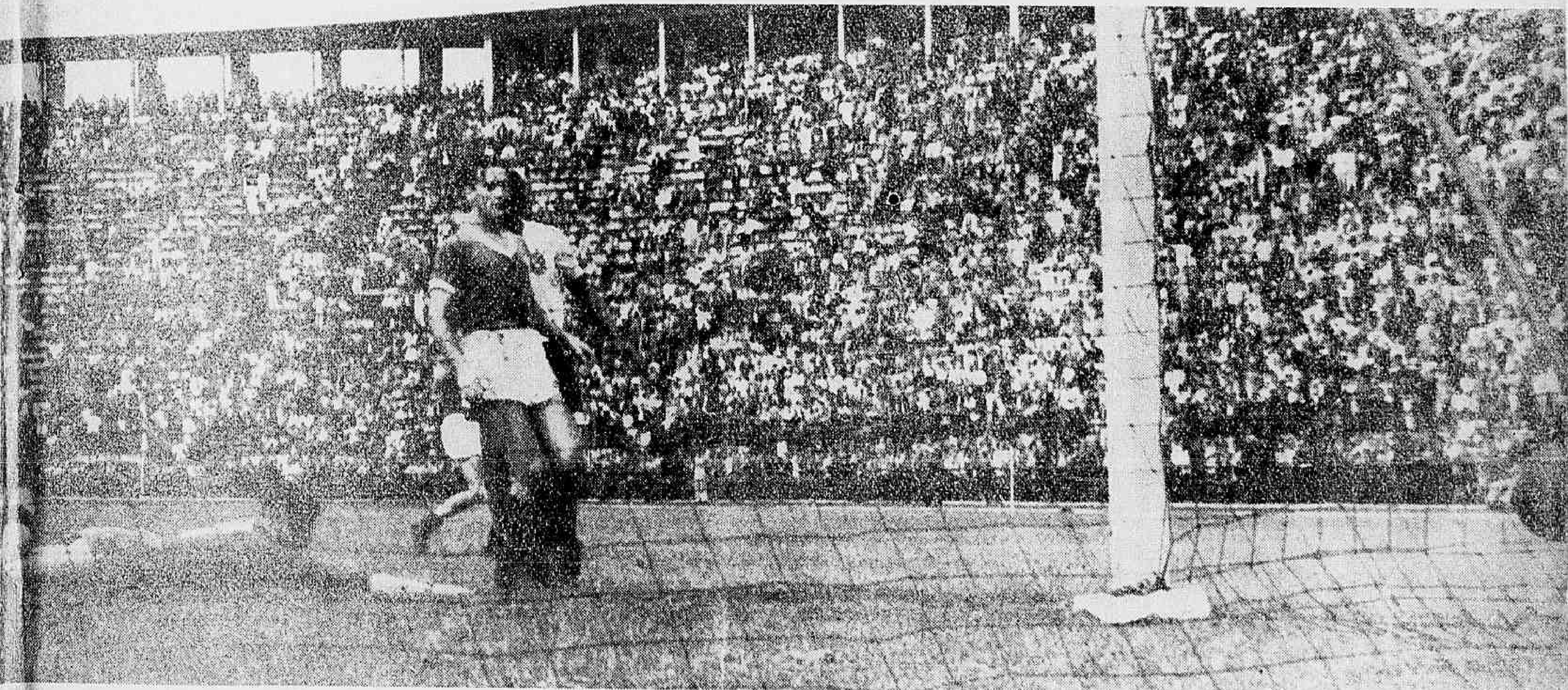
Numa noite bastante propicia para a prática do futebol, entraram em campo os conjuntos do São Paulo F. C., campeão de 1948 e Portuguesa de Desportes, abrindo assim o referido torneio. Esta pugna como era esperado, agradou inteiramente, pela combatividade e espirito de luta com que se empregaram os vinte e dois jogadores em campo. A partida no seu panorama técnico convenceu regularmente, tendo os dois quadros disputado a peleja palmo a palmo, em busca do triunfo. Contudo, a maior

(Continua na página 12)



Leônidas chuta contra a meta da Portuguêsa e Ivo prepara-se para a defesa

Segundo "goal" do Corinthians, da autoria de Baltazar, que superou Oberdan no choque de domingo último







O Flamengo patrocinou, a Federação Metropolitana organizou, e foi disputado na piscina do Guanabara, o primeiro concurso infanto-juvenil do ano de 1949. Saiu vitoriosa a representação do Icaraí, por uma vantagem de 94 pontos sôbre o segundo colocado, o Fluminense. Da tarde movimentada de domingo último na piscina olímpica do Mourisco, é que apresentamos os vencedores de tôdas as provas, com exceção apenas de uma nadadora, a que triunfou no páreo de meninas petizes, 50 metros, nado de costas, Heloísa Viegas, do Icaraí, com 45"3, justamente por causa de um dêsses azares fotográficos tão comuns no trabalho dos profissionais da objetiva em face de um esfôrço excessivo como foi o de José Santos, fotografando durante 3 horas todos os ganhadores do concurso. Eis os vencedores das provas, pela ordem de realização: 1) Aspirantes, 100 metros, nado livre — Leandro Machado Júnior (Fluminense), 1'9"; 2) Petizes, 50 metros, costas — Afrânio Acioli (Fluminense) 43"2 (igual ao seu próprio "record" carioca); 3) Infantis, 50 metros, peito, Cristiano Leal (Icaraí), 48"; 4) Juvenis-Juniors, 100 metros livres — Rui Colaço Barbosa (Icaraí), 1'17"77; 5) Juvenis Seniors, 100 metros costas — Francisco Lomelino (Icaraí), 1'23"8; 6) Meninas Petizes, 50 metros, peito — Lúcia Pais Leme (Icaraí), 50"; 7) Meninas-Petizes, 50 metros livres — Ema Froese (Icaraí), 37"5; 8) Meninas-Juvenis, 100 metros, costas — Ana Lúcia Santa Rita (Fluminense), 1'29"4; 9) Aspirantes, 200 metros, peito — Amintas





Santos (América), 3'10"9 10) Petizes, 50 metros, livres — 1.º Afrânio Acioli Oliveira (Fluminense), 38"8; 2.º Roberto Carneiro Horta (Guanabara), 40"25; 11) Infantis, 50 metros, costas — João Lopes Pina (Botafogo), 44"3; 12) Juvenis-Juniors, 100 metros, peito — Flávio Figueiredo (Icaraí), 1'33"4; 13) — Juvenis-Seniors, 100 metros livres — 1.º Francisco Lomelino (Icaraí), 1'12"3; 2.º Silvio Keli (Fuminense), 1'13"5; 14) Meninas-Infantis, 50 metros, peito — Maria Saraiva (Icaraí), 45"3; 15) Meninas-Juvenis, 100 metros, livres — 1.º Ana Lúcia Santa Rita (Fluminense), 1'22"2. 2.º Orlanda Paes Leme (Icaraí), 1'22"8; 16) Aspirantes, 100 metros, costas — Marvio Keli (Fluminense), 1'19"8; 17) Petizes, 50 metros, peito — Waldemar Araujo (Guanabara), 51"2; 18) Infantis, 50 metros livres — 1.º Geraldo Miranda (Icaraí), 38"3; 2.º João Lcpes Pina (Botafogo), 41"3; 19) Juvenis-Juniors, 100 metros, costas — 1.º Rui Colaço Barbosa (Icaraí), 1'30"5; 2.º Heitor Carvalho (América), 1'32"9; 20) Juvenis-Seniors, 100 metros, peito — Alberto Daniel (Fluminense), 1' 29"9; 21) Meninas-Petizes, 50 metros, livres — Lia Gutsch (Icaraí), 42"6; 2.º Maria Monteiro (Botafogo), 44"3; 23) Meninas-Juvenis, 100 metros peito — Maria Colaço Barbosa (Icaraí) 1'41"6; 24) Aspirantes, 400 metros livres — 1.º Leandro Machado Júnior (Fluminense), 5'36"; 2.º Marvio Keli (Fluminense) 5'38"4.





O primeiro "goal" do Corinthians, Baltazar bate Oberdan, do Palmeiras, no segundo choque

TORNEIO "R. MONTEIRO"

(Continuação da página 9)

classe dos sampaulinos e o seu maior volume de jôgo, vieram se coroar de pleno êxito, uma vez que, conseguiu desempenhar o marcador e se avantajar ainda mais, nos derradeiros minutos da luta. A primeira fase da pugna entre tricolores e rubro verdes, foi das mais atraentes e sedutoras, agradando ao público presente, se bem que em dose bem menor do que se esperava. O primeiro tempo termionu com o placarde acusando 1 a 0 favorável ao tricolor, produto da sua melhor conduta.



O lance que precedeu o único "goal" da Portuguêsa de Desportos, contra o São Paulo, no choque de abertura do Torneio R. Monteiro. Bertolucci atirou-se de encontro à bola, sob as vista do zagueiro Savério e do atacante Pinga II, mas não a alcançou e ela foi ter a Simão que goleou

Os lusos reagiram bem e conseguiram empatar a peleja por intermédio de Simão. Depois, os sampaulinos comandaram a contenda, forçando enormemente a defensiva lusa, fazendo com que, Ivo se empregasse a fundo para defender a sua méta. Quando faltavam, 6 minutos para o termino do prélio, numa avançada feliz da vanguarda sampaulina, China apoderou-se da pelota e aninhou no fundo das rêdes de Ivo, desempatando a pugna. Com êsse tento, os tricolores animaram-se e passaram a exercer forte dominio, não tardando para concretizar o seu triunfo com mais um tento de Leopoldo, numa bela jogada. Terminou logo mais esta partida, com o apito final do árbitro Querubim da Silva Torres, cuja atuação foi regular. A renda dêste prélio ultrapassou a pouco mais de 86.000 cruzeiros.

CORINTIANS X PALMEIRAS

A segunda peleja do Torneio R. Monteiro, teve lugar no domingo último, com a realização do "derby" paulista, isto é, os quadros do Corintians e Palmeiras. A peleja, cujo interêsse era de regulares atrativos, agradou ao público presente ao Pacaembú, muito embora as duas equipes não estivessem em boa forma técnica. Contudo o espetáculo que proporcionaram alvi-negros e al-verdes, foi deveras emocionante, onde se viu as duas equipes lutarem com denodo e espírito de luta, afim de conseguir a vitória. Os dois conjuntos durante a primeira fase tiveram uma produção regular e bastante equilibrada, tendo o escore assinalado 2 tentos a 1, favoravel, ao alvi-negro. Os tentos corintianos foram feitos por intermédio de Baltazar, depois de bonita combinação dos avantes corintianos.

Os palmeirenses não desanimaram e passaram a forçar o último reduto corintiano, conseguindo assim o empate, aliás com um "goal" bem marcado pelo centro-avante Osvaldinho. Na segunda fase, embora o Palmeiras .tenha jogado bem melhor do que o seu adversário, foi que sofreu mais dois "goals" quase que em seguida, derrubando desta forma, às aspirações dos alvi-verdes em conseguir a vitória. Malgrado os esforços dispendidos pelos alviverdes, o Corintians, numa escapada aproveitaram-se da falha da defensiva esmeraldina, e conseguiram aumentar o marcador para três, por atuações milagrosas da defesa e outras vêse que os palmeirenses iriam entregar a partida com êsse terceiro tento, mas nada disso se deu. Ao contrario, encheram-se de brios e atiraram-se para a luta, passando a dominar por completo o seu adversário a fim de diminuir a diferença. Vários foram os momentos criticos por que passou a meta de Bino, ora por atuações milagrosas da defesa e outras vêzes, por absoluta falta de sorte dos avantes palmeirenses. Basta que se diga, que, numa das avançadas do grêmio do Parque Antartica, Lombardini, colheu uma sem pulo de cinco metros de distância, com a meta desguarnecida, aparecendo Belfare para salvar sensacionalmente.

Por duas vêzes, foi salvo a meta de Bino, quando a bola já estava para entrar no arco, completamente vazio, e esta proeza coube ao médio Belfare, cuja atuação foi reveladora. Numa outra escapada da ofensiva do verde e branco, depois de uma cabeçada espetacular de Washington, a bola caminhava alta para o fundo das rêdes, e apareceu o centro-médio Hélio, para salvar milagrosamente. Isso no 1.º tempo. A trave também foi inimiga do alviverde, quando a pelota chocou-se violentamente, salvando a queda do arco alvi-negro. Nos minutos finais da luta, foi que o Palmeiras conseguiu diminuir a diferença, obra essa feita pelo centro-avante Washington. Continuando nesse ritmo de dominio quase que completo, o tempo foi se esgotando, até que o árbitro João Gambeta, apitou o termino da pugna, com o triunfo do Corintians pela contagem de 3 tentos a 2. Vitória justa, apesar do maior volume de jôgo e a superioridade técnica da equipe do Parque Antartica. Os palmeirenses jogaram mais, mas desordenadamente não conseguindo êxito na finalização, ou melhor, pela sorte incrivel dos defensores corintianos. A renda do prélio foi boa, levando em conta o interesse que o mesmo despertava. Passaram pelas bilheterias pouco mais de 126.000 cruzeiros. O juiz foi João Cambeta com péssima arbitragem. Com essa duas partidas do torneio R. Monteiro, tem agora como lideres, o São Paulo, Fluminense e Corintians, sendo que a Portuguesa de Desportes e o Palmeiras, encontram-se em segundo lugar, com dois pontos perdidos cada um.



Os profissionais têm amor próprio e brio como os amadores do passado

A cena patética que ilustra o presente artigo, dispensa qualquer comentário Trata-se dos jogadores do Atlético Mineiro, após sua derrota diante do América, na partida final e inacabada do campeonato mineiro de 1948. O pesar dos "cracks" atleticanos por ter falhado seu plano máximo diz tudo. Estão êles chorando; foi-se o campeonato; foi-se o título.

Por que estariam chorando de pesar êsses jogadores se êles fôssem simples profissionais, mercenários da bola, que só pensam no dinheiro; que não jogam por amor ao clube; que não se matam pela camisa do clube, como o faziam os amadores de trinta anos atrás?

Não precisariam chorar!

Estariam êles igualmente alegres, indiferentes à sorte do clube. Se jogam só por dinheiro...

Será que estão chorando porque perdendo não receberão o prêmio prometido? Chorariam só por isso?

Não! Não se chora sem mágoa no coração, sem que o amor próprio seja ferido, sem algo que entristeça a alma e que bula com os sentimentos da gente.

Eis a verdade.

Essa história de que os profissionais não sentem, não se matam, não têm amor ao clube, é muito exagerada, e às vêzes contém não poucas mentiras e injustiças.

Muitas vêzes nós vimos jogadores profissionais realizarem bonitos atos de abnegação, de amor próprio, de amor ao clube. Naturalmente, existem, como sempre existiram em qualquer época, "cracks" desfibrados, preguiçosos, indolentes. Jogadores que tanto vimos no amadorismo como temos no profissionalismo. Por outro lado, tivemos e temos jogadores de fibra, de grande apêgo à vitória de seu clube e capazes de muitos sacrifícios em campo. Leônidas, pela sua fibra, pela sua combatividade, aos trinta e cinco anos de idade não é um tipo exemplar do "crack" profissional? Quem mais do que êle "suou" a camisa no tempo amador? Quando se quer lembrar um exemplo de sacrifício e abnegação, cita-se o ocorrido com Fried, contra os inglêses, em 1914, no Rio de Janeiro. Os visitantes meteram o pé no rosto de "El Tigre". Todo ensanguentado, saiu de campo. Voltou logo após, parecendo mais um ferido de guerra! Que fibra!

Todos recordam êsse ato de abnegação daquele tempo de puro amadorismo. Sòmente um amador seria capaz de tanto!

Pois bem, em 1937, já na época do profissionalismo, em pleno campeonato sul-americano, o zagueiro Jaú sofreu brutal ponta-pé de um adversário, aos três minutos de peleja. Jaú caiu ferido, foi socorrido, colou o braço ofendido ao corpo e foi um leão da defesa brasileira, durante os noventa minutos e as duas prorrogações! Foi um colosso Jaú, mesmo ferido.

Não era êle um profissional?

Certo que sim.

E quantos outros exemplos iguais tivemos nêstes últimos tempos, quer no campeonato carioca, quer no paulista etc.

OLYMPICUS *escreveu:*

Não é verdade que o futebolista profissional é mercenário.

Eis a verdade.

Fôsse assim, e o futebol já teria perecido.

Existem hoje como ontem, alguns jogadores desfibrados, indolentes. Por outro lado, pelos vícios, pelos abusos dos jogadores atuais, os maiores culpados são os dirigentes.

Eis a verdade.

Se o nosso futebol fôsse melhor dirigido disciplinarmente, os jogadores de hoje não cometeriam certos abusos, e os torcedores não teriam muito a se queixar.

O ANO ESPORTIVO
(SÍNTESE DE TODOS OS ESPORTES)

Um romance, dez contos, duas lendas. O ano aeronáutico. O ano artístico O ano científico. O ano filatélico. O ano cinematográfico Calendário. Notas e informações sôbre o ano. Artigos sôbre os mais variados assuntos para todas as pessoas de todas as idades, das cidades e do campo. Tudo ilustrado. Páginas coloridas Leia o maravilhoso livro dos mil assuntos, o

ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1949
À venda em todas as bancas de jornais do Brasil

PREÇO: Cr$ 15,00

Pedidos à
CIA. EDITORA AMERICANA
Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro
ATENDE-SE PELO REEMBOLSO POSTAL
OU VALE DO CORREIO



Pela primeira vez na história da São Silvestre foram organizadas eliminatórias nos diversos Estados do Brasil para a indicação dos seu representantes. Em pé, da esquerda para a direita: João Verdura (Bahia), Plácido Marques Santos (Sergipe), Euclides Donato Lima (Paraíba), Laurindo Farias (Maranhão), Júlio Guerreiro (Pará), Keonel Toscano Brito (Alagoas) Raimundo Maciel Figueiredo (Mato Grosso), Claudionor Silva (Pernambuco), Joaquim Ferreira dos Santos (Paraná). Ajoelhados, Waldomiro Monteiro (Santa Catarina), Geraldo Caetano Filipe (D. Federal), Oscarino Conceição (Estado do Rio), Antônio Graça Filho (Ceará), Amaro Gomes Tavares (E. Santo) e um representante de Curitiba



Geraldo Caetano Filipe, o brasileiro colocado em primeiro lugar, e quarto na classificação geral

O aspecto curioso da São Silvestre de 48

Por MAURO PINHEIRO

Um dos espetáculos mais engrandecedores do desporto brasileiro, e particularmente para os que apreciam o atletismo, o esporte-base, é fora de dúvida a já clássica Corrida de São Silvestre, que separa um ano do outro. Ela marca nos anais da história atlética nacional outra época, marco de novas esperanças de sucesso amplo previsto, de perspectivas risonhas num terreno franco e desconhecido até então.

Todavia, se por um lado a São Silvestre de 1948 assinalou novo êxito e demonstrou a vontade extraordinária dos seus organizadores de apresentar num moto contínuo de sensações sempre novidades que venham a beneficiar o desporto do Brasil, por outro lado tal não se desenhou perfeitamente.

E isto vemos com nitidez perfeita quando, ao passar uma vista dolhos pela classificação dos atletas, notamos que nos primeiros postos apenas dois brasileiros, ou sejam o carioca Geraldo Caetano Felipe e o paulista Joaquim Gonçalves da Silva, estiveram presentes.

Por outro lado, contrastando com tal fato, os seis representantes estrangeiros, especialmente convidados, se fizeram notar com galhardia, tendo-se mantido todos êles, nos primeiros lugares, justificando a sua preferência nos países irmãos.

Assim, logo os três primeiros lugares estiveram entregues à dupla chilena Inostroza-Millas, vitoriosa, e ao argentino Ricardo Bralo, terceiro classificado.

Ainda o uruguaio Oscar Moreira, vencedor de 47, atingiu a meta em sexto lugar, e o seu compatriota Gilberto Sanchez Belochio chegou em 11º, completando-se a relação com o 14º lugar de José Aguero, da Argentina.

Eis então outro detalhe que vem à tona, ou seja, o campeão sul-americano dos 10.000 metros, êsse melhor fundista nacional do momento, João Soares Oitica, completou o percurso dos 7.000 metros em 12º lugar, à frente apenas de José Aguero, do grupo dos estrangeiros, e no fraco tempo de 23'15'', contra os 22'18''2 do laureado, Inostroza, seguido oito décimos de segundo atrás pelo seu colega René Millas.

Tudo é chance na vida, porém — e por isso deve-se observar antes; sim, antes de mais nada — que o tempo deve ter influído na atuação de muitos corredores, mormente na dos atletas de clima mais quente, com os bravos representantes de terras nordestinas por exemplo.

Além disso, chega-se a conclusões das mais interessantes quanto, por exemplo, às possibilidades de determinados corredores, tal o segundo classificado, êsse chileno Millas, que não reúne credenciais para uma condição de vice-titular de tão interessante e meritória rústica. Decide-se às vêzes pela chance, pelo mérito de uma atuação mais feliz, em virtude das disposições organo-fisiológicas do próprio atleta, no dia e hora da competição.

Não estamos com isso justificando, nem de longe idêntico propósito nos move de apresentar tal medida ineficaz à guisa de conceito salvador



Atletas do Vasco e do Fluminense que participaram da maior prova do atletismo brasileiro

para determinados expoentes de nosso esporte-base, como João Soares Oitica é um exemplo.

Fracassaram e êsse fracasso esteve incluído na própria má "performance" dos mesmos durante os sete mil metros de ruas e obstáculos, correspondentes ao percurso da S. Silvestre.

Outros dois aspectos podem ser levantados também. Um deles se refere à ausência, já por duas vêzes lamentada, do consagrado ex-campeão Sebastião Alves Monteiro. Elemento que se vinha firmando como um dos melhores fundistas do Brasil, teve todo o seu treinamento prejudicado pela má vontade da Polícia de S. Paulo, corporação onde exerce suas atividades. E no momento em que o atletismo do Brasil



Raul Inostroza, do Chile, vencedor da 24.ª São Silvestre

mais precisa de sua colaboração, está Monteiro fora das pistas, deixando, assim, de auxiliar a nossa representação em Lima do Peru, para onde irá neste 1949, em abril, tentar recuperar aquêle mesmo título que precisamente há dez anos manteve de forma brilhante, com quase uma geração diferente de homens, escrevendo uma verdadeira página de desportividade e civismo nos livros de ouro do desporto pátrio.

O outro tópico, o outro aspecto, fala alto do valor dessa iniciativa benéfica, qual seja a da "Gazeta Esportiva", organizadora da S. Silvestre, em selecionar atletas, representativos de todos os Estados brasileiros, em preliminares memoráveis. Efeitos imediatos não poderíamos ter. E' mister de persevarança tal obra, porém os frutos serão enormes e disto temos ampla convicção.

Mas antes do número 100 tivemos nada menos de sete representantes escalonados pela ordem: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais, Paraná, Alagoas, Estado do Rio e Pernambuco, e outros sete antes do 200: Ceará, Amazonas, Goiás, Piauí, Espírito Santo, Paraíba e Maranhão. Parece demasiado critério de bondade relacionar nomes incluindo-os até 200. Todavia, levando-se em consideração os fatores adversos, como clima, alimentação, viagem e o próprio número de concorrentes mais treinados, conhecedores do percurso e mesmo de "tempo" de prática, isto implica em realçar o valor do feito dêsses homens e o que êles representam para o futuro do atletismo brasileiro neste setor do pedestrianismo.

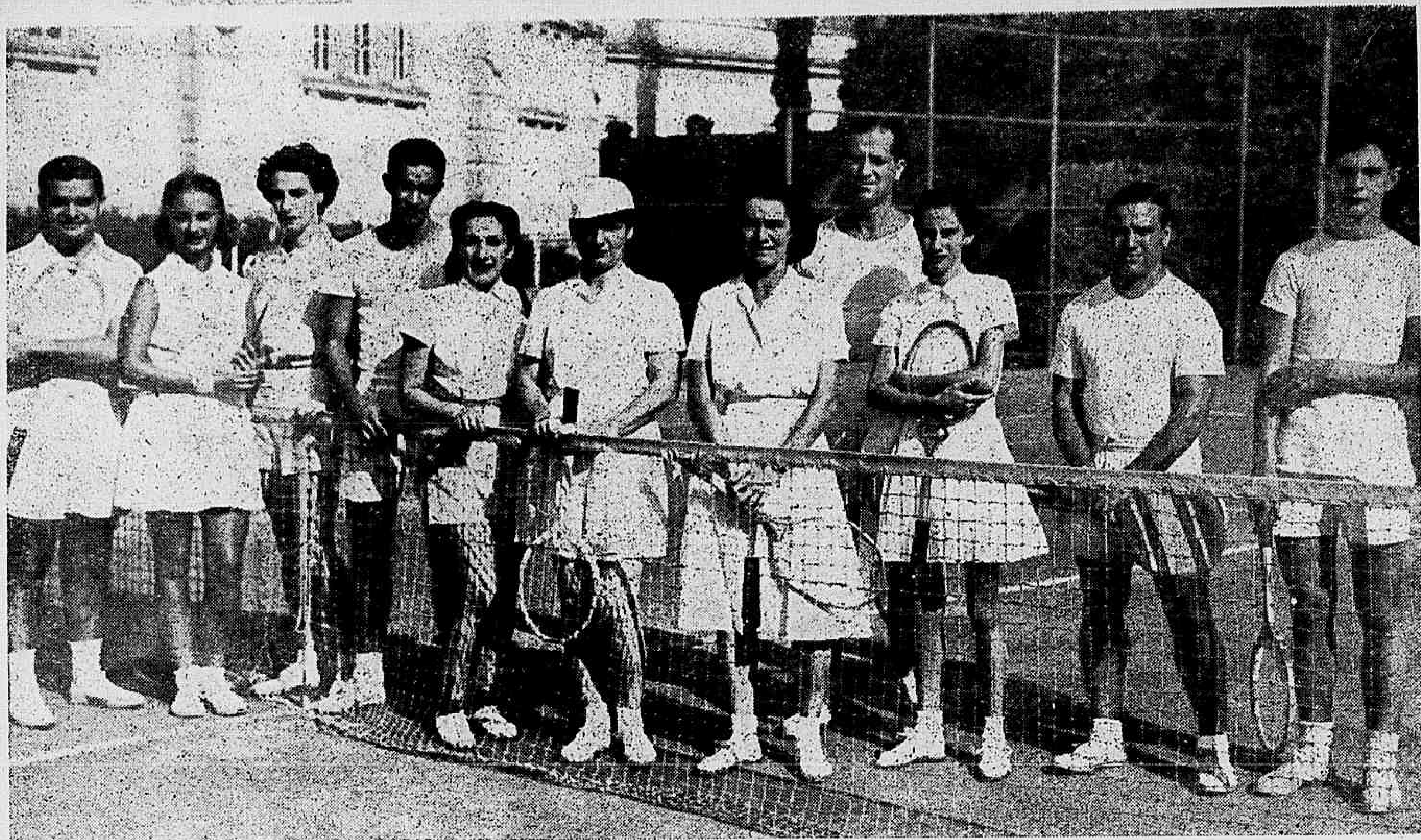
Note-se ainda que mais de 1.000 atletas responderam à chamada e 765 completaram o percurso, tendo o último representante de Estado chegado em 330º lugar, ou seja Raimundo Maciel Figueiredo, de Mato Grosso. No cômputo geral das coisas resta, pois, êste consôlo — e que já é um grande consôlo, diga-se por fim.



Geraldo Caetano Filipe, do Distrito Federal, e Joaquim Gonçalves da Silva, do Ypiranga, 4.º e 5.º colocados na classificação geral



Um aspecto dos presentes que passaram o ano em São Paulo assistindo a São Silvestre



Terceiro grupo de duplas mistas que disputaram o Grande Torneio de Encerramento realizado nas quadras do Fluminense F. C.

1948 UM ANO DE PROGRESSO PARA O TÊNIS CARIOCA

(De DJALMA DE VINCENZI)

A Federação Metropolitana de Tênis, realizou integralmente o calendário estabelecido para o ano de 1948.

Portanto, justas razões de nosanas entre os seus dirigentes a cuja frente se encontra o desportista sr. Antônio Leite.

Encerrando o mandato de dois anos para o qual foram eleitos, pode-se afirmar haverem os responsáveis pelo destino da F.M.T. sabido cumprir sem qualquer discrepância, todos os preceitos que elevam uma administração no conceito público.

E é por essas razões, que antes da manifestação dos próprios clubes-eleitores, já a imprensa carioca pela palavra escrita dos seus jornalistas-tenistas, se pronunciaram em louvor ao sr. Antônio Leite e seus companheiros de diretoria, representando o sentir dos tenistas da metrópole, todos reconhecidos aos bons serviços prestados ao tênis nêsses dois anos de direção da entidade especializada do esporte branco.

E na própria festa de encerramento, logo após ao término das quatro séries em que se dividiram o certame, em volta da mesa onde se encontravam todos os inúmeros prêmios a serem distribuídos muitas foram as vozes que [illegible]aram em movimento unissono de apoio à reeleição da atual diretoria.

E os que conhecem o programa planejado pelo sr. Antônio Leite, como seja a construção de uma quadra-estádio coberta; de quadras acimentadas ou asfaltadas em logradouros públicos, como por exemplo na Quinta da Boa Vista e outros parques da cidade; e a criação de uma série de competições tenísticas para os elementos vinculados às grandes companhias e firmas comerciais e industriais, a exemplo de Buenos Aires, onde é uma grande expressão o setor citado.

Por tôdas as razões pode ser afirmado que o ano de 1948 foi de real progresso técnico para o esporte branco, porque além dos campeonatos e torneios por equipes inter-clubes, outras provas importantes foram realizadas como por exemplo o torneio da Juventude, uma competição que trouxe à cidade maravilhosa os mais destacados juvenis valores do tenis de todos os Estados.

Os torneios de abertura e encerramento da temporada, em prova de duplas mistas dividido por grupos de fôrças equilibradas, também passou a constituir uma fórmula perfeita para identificar o tênis feminino com o masculino, fator que irá ser preponderante para evolução no tênis nacional. O belo sexo servirá para dar um caráter mais social ao tênis, tornando mesmo os jogos sem maior expressão técnica, um motivo de aprazível convívio social, tão necessário no fidalgo esporte.

Foram vencedores do Torneio de Encerramento as seguintes duplas mistas: 1.º grupo — Paulo Ferraz-Sandra Sierca; 2.º grupo — Plinio Viana-Laura Morais; 3.º grupo — Renato Mano-Carminha Ferreira; 4.º grupo — Alberto Steffan-Waldelina Rocha.

Terminado o certame o sr. Oscar Mano, em nome da diretoria, procedeu a entrega de todos os prêmios conquistados pelos clubes e tenistas, inclusive a valiosa taça de prata "Ricardo Pernambuco" oferecida pelo Conselho Nacional de Desportos, e brilhantemente conquistada pelo jornalista sr. Lucilio de Castro, do vespertino "O Globo", no tri-campeonato de tênis da Cidade do Rio de Janeiro.

A todos os desportistas que serviram de árbitros nos inúmeros certames da F.M.T., o presidente sr. Antônio Leite ofertou uma lembrança delicadíssima.

★



Azurem Furtado, componente de uma das fortes duplas do Grupo "A" procura interceptar uma jogada decisiva no Torneio de Encerramento

A PRIMEIRA GINCANA DE SÃO JOSE' DOS CAMPOS

(De PAAVO NURMI DE VINCENZI)

Poucas cidades do interior do Brasil podem se orgulhar de ter na sua população, do operariado a mais elevada esfera social, tão acendrado espírito desportivo.

Falar ali em esporte, é arrastar para o orador, tôda a população da cidade-cerâmica ou cidade saúde, como também é conhecida pela sua privilegiada situação climatérica.

O Aero-Clube de São José dos Campos, que muito tem trabalhado pelo incremento da aviação civil em nossa terra, também cultiva outros desportos, para cuja prática está construindo com todos os requicios de perfeição, bem no coração da cidade, uma nova praça de desportos com quadras de tênis, de bola ao cesto, voleibol etc.

O tênis de mesa também vem merecendo o maior carinho, e as mesas que vão ser inauguradas pròximamente, foram executadas dentro dos rigorosos preceitos internacionais com medidas e superfície de salto da bola, rigorosíssimos.

E foi excursionando na terra das famosas falanças brasileiras de Ines Weiss, que tivemos a oportunidade de assistir à la Gincana Automobilística da Cidade de São José dos Campos, promovida pelo Aero Clube do Brasil e supervisionada pela Comissão Geral de Desportos da cidade, que tem como seu presidente o desportista dr. Roberto Maximiniano Weiss.

E a cidade estava em festa, tôda a mocidade vibrava pelas peripécias, ora de técnica no volante, calma e sábio aproveitamento nas curvas da praça, ora de puro heroísmo, para vencer a acompanhante a resistência de uma bola de borracha que aos sopros tinha que ser enchida até estourar. Enfiar uma linha em agulha é coisa facílima, mas ali com o cronômetro, vorazmente marcando o tempo, tudo muda de figura. Dirigir o carro só com uma das mãos tendo na outra do lado de fora um copo cheio dágua que tem que ser entregue na outra mesa subsequente, de controle, cheiozinho da silva... é um problema... Não é dos mais difíceis, apanhar uma escadinha, abrí-la e depois de subir na mesma, bater três pancadinhas em um "sino", mas, o que representa a realização sistematizada, porque qualquer "êrro" na rotina do "obstáculo" importa em não receber dos "fiscais" o "salvo conduto" que assegura o "ponto" e o direito de prosseguir adiante e portanto continuar na disputa da gingana e dos prêmios valiosos que irão consagrar os melhores em tempo.

Aí está em rápidos detalhes o que assistimos na bem organizada gincana automobilística, prova que despertou vivo interêsse em tôda a população de São José dos Campos.

Eis os que se colocaram até 6.º lugar: lugar — Sérgio Weiss e Benedita M (conhecida guarda de bola ao cesto ape "Jahu"), no tempo de 3,18"; 2.º lugar — David Filho e Adele Ferri, tempo 3,3 lugar — dr. José C. Florence e Cinira tempo 3,44; 4.º lugar — José Polli e Polli, tempo 3,46; 5.º lugar — dr. J Brody e Edith Mello, tempo 3,58; 6.º lu Mário Alfredo Weiss e Dirce Mello, tempo



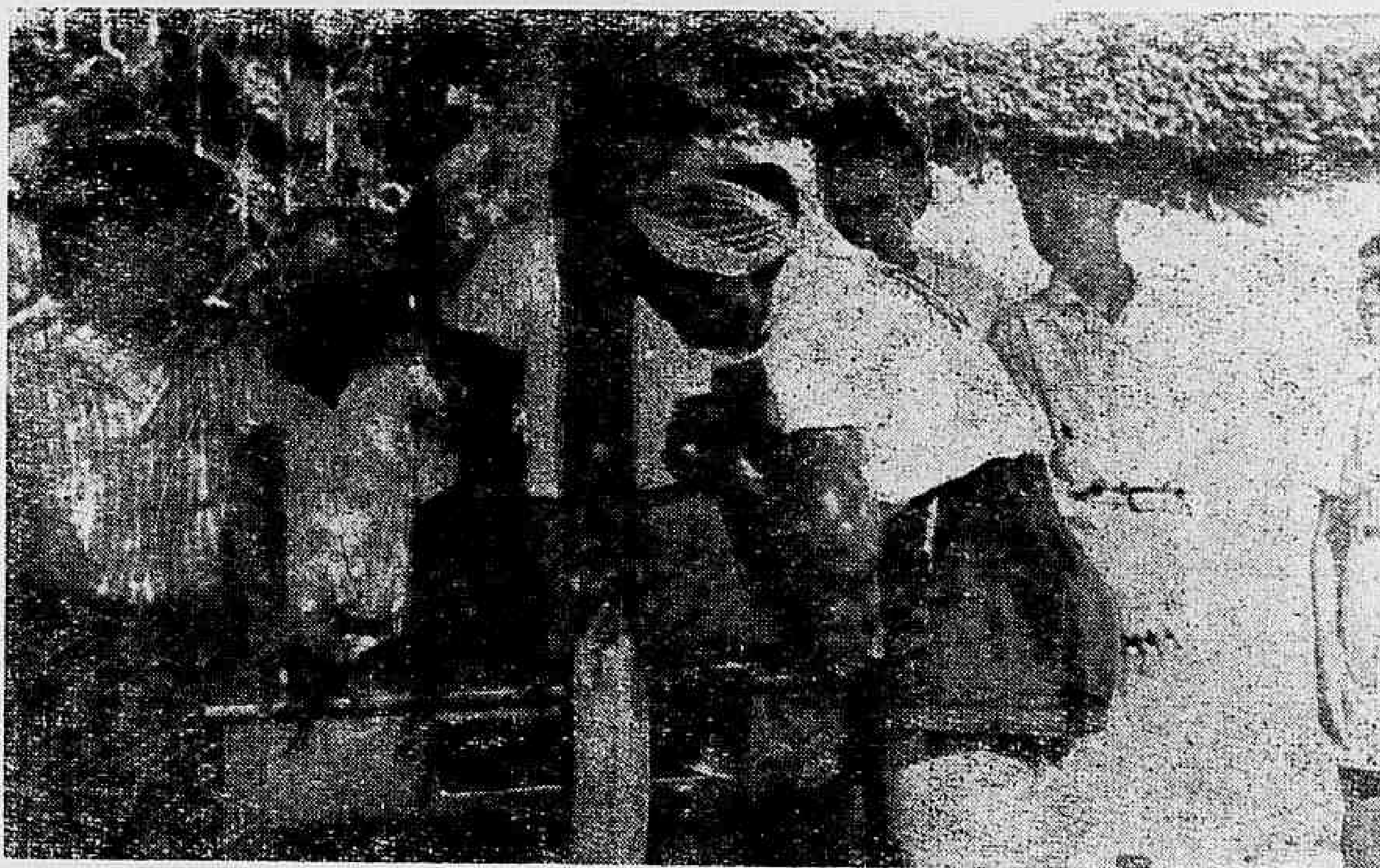
O jovem campeão Sérgio Weiss e sua parceira estimadíssima, Jahu, sorridentes, pousa triunfadores entre os "fans" que torceram por sua vitória



O sr. José Polli pousa o copo, que recebeu no obstáculo anterior, enquanto Cirene vigorosamente para encher o "balão"



O sr. Mário Weiss, com calma e habilidade, depois de uma bruta derrapagem na curva, dá três pancadinhas no "sino"



Sta. Cinira Polli (valorosa centro de bola ao cesto) firma a vista para passar a linha pela



AZEVEDO

OS GRANDES JOGADORES QUE EU VI NO ESTÁDIO NACIONAL

AZEVEDO

Por ALVARO SILVA,
Correspondente do "ESPORTE ILUSTRADO" em Portugal

A categoria do porteiro do Sporting, não sofre contestação e nem mesmo o fato de êle ir a caminho do fim da sua carreira, tira oportunidade a esta pequena homenagem que muito justamente lhe rendemos. Azevedo foi o arqueiro excepcional, cotado por muitos anos o "Número Um" que existiu no nosso país e sempre laureado pelos aplausos vibrantes das críticas de todos os países onde atuou.

A sua maneira de defender o arco, o seu estilo, a sua atenção à jogada, a sua elasticidade admirável, levam-no a praticar defesas sensacionais, que o público aplaude sem cessar, durante longos minutos. Especialmente quando a jogada se desenrola perto da baliza, Azevedo é único! E como muito bem o apelidou um crítico alemão, êle nêsses lances, assemelha-se a um gato: segue a jogada com aparente indiferença, os seus olhos não perdem o girar do balão um só momento, dando, porém, a impressão que está desatento. Mas quando o tiro parte, lá está Azevedo com agilidade felina, indo buscar bolas que pareciam impossíveis de deter, socando-as para "corner" com estiradas rapidíssimas ou bloqueando-as no ar, com pasmosa segurança.

Por vêzes o grande arqueiro luso complica defesas que parecem fáceis e engole "frangos" inexplicáveis, que deixam todos surpreendidos — êle, adversários, companheiros, público — mas outras vêzes há tiros que não têm defesa e êle simplifica o caso de tal modo, que num vôo pleno de visão e golpe de vista, impede que o balão toque as redes à sua guarda: êle tem uma queda especial, para essas defesas sensacionais. E tudo parece facílimo...

O grande goleiro do combinado português, aproxima-se do têrmo da sua carreira desportiva, que tem sido verdadeiramente gloriosa e na qual é justo destacar duas exibições que deixaram pasmados os espectadores que a elas assistiram: uma foi na Alemanha, em que Portugal empatou a uma bola; outra foi o ano passado, contra a Irlanda, em Dublin, em que vencemos por 2-0. Foi simplesmente prodigioso o arqueiro luso, nessas duas pugnas internacionais. Hoje, êle já não é o arqueiro que foi — o tempo não poupa, nem mesmo os astros de primeira grandeza — mas é ainda um elemento de valia. A êle, muito deve o seu clube — O Sporting — e muito lhe deve igualmente, a seleção do seu país, que êle sempre defendeu — por vêzes com alguma infelicidade — mas sempre com evidente desejo de cumprir. E muitas foram as vêzes em que êle foi um arqueiro de méritos elevados, obtendo só com as suas atuações, resultados magníficos para o futebol português.

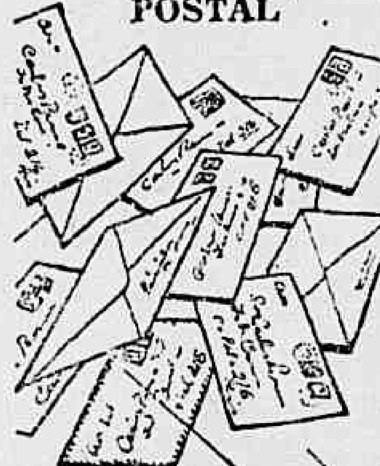
Uma grande defesa do goleiro luso, num treino do combinado português, realizado no Estádio Nacional





porque as donas de casa, no país inteiro afirmam haverem encontrado no Sabão PLATINO qualidades excepcionais, algo diferente que supera tudo quanto se possa desejar e exigir de um maravilhoso sabão

AGORA TAMBEM PELO REEMBOLSO POSTAL

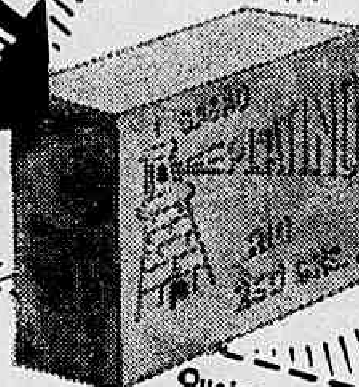


As roupas mais limpas e cheirosas; maior eficiência e rendimento nas lavagens a par da pureza absoluta que lhes emprestam os óleos vegetais de que é fabricado. E' um sabão que não resseca e conserva-se perfeito até o fim E note: uma caixa com 16 pedaços dura todo o mês, custando apenas Cr$ 40,00, sobrando sempre para o mês seguinte.

SOMENTE PARA O INTERIOR. Sabão PLATINO está distribuindo rádios, ferros elétricos, geladeiras, enceradeiras, baterias de alumínio marca Chaleira, etc. Use Sabão PLATINO e ganhe prêmios, mas é preciso não esquecer que tudo o que é bom e se torna famoso passa a ser imitado.

Por isso, ao comprar Sabão PLATINO,

EXIJA-O SEMPRE MARCADO ASSIM



DO CONTRÁRIO NÃO É LEGÍTIMO

COUPON DE PEDIDOS

Queiram enviar-me .... caixas de SABÃO PLATINO

NOME: ....

RUA: .... N.° ....

CIDADE OU LOCAL ....

ESTADO: ....

Recorte e remeta este coupon diretamente para
CARLOS PEREIRA, INDÚSTRIAS QUIMICAS S/A
Caixa Postal 216 — Rio de Janeiro

SEM MAIS DESPESAS

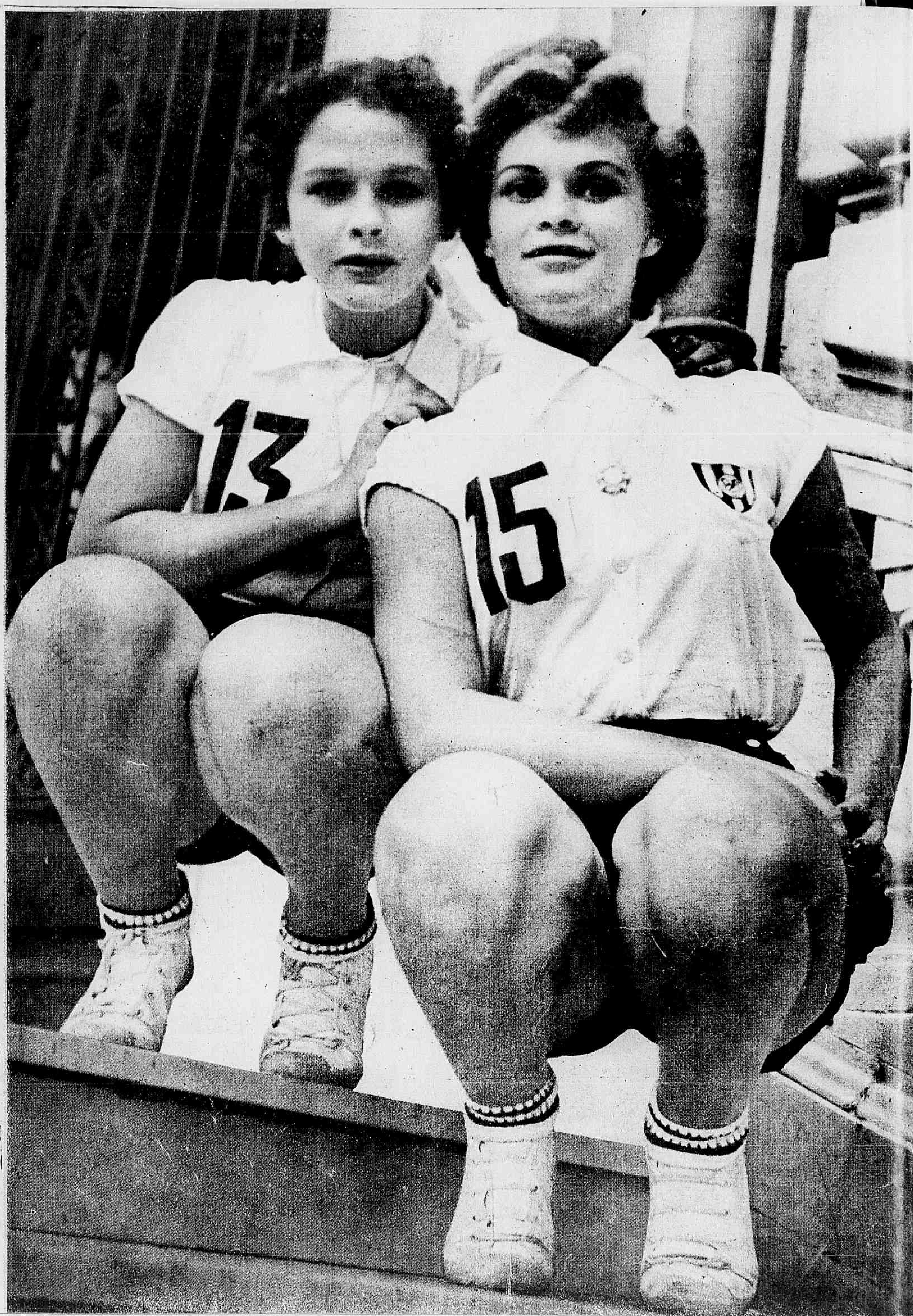


A Maravilha Pontepretana

Campinas pode se orgulhar de ser uma cidade que possui as melhores praças de esportes, de todo o interior do Estado O novo estádio da A. A. Ponte Preta, agremiação tradicional da Princesa D'Oeste é sem favor algum, um dos mais completos do Brasil, só sendo superado pelo nosso Pacaembu. Êste grandioso empreendimento, que bem demonstra a fibra e a dedicação de denodados batalhadores do esporte paulista, veio se coroar de pleno êxito com a conclusão quase que completa do majestoso estádio. Gesto sem dúvida audacioso e digno de elogios de uma pleiade de abnegados esportistas que trabalham para o engrandecimento do nosso esporte. Campinas está de parabens por possuir um estádio como êsse da Ponte Preta. Uma verdadeira joia no cenário futebolístico nacional. Exemplo que precisa ser imitado por todos os principais clubes de São Paulo, como uma demonstração da fôrça e da pujança do povo campineiro em apoiar essas iniciativas que são para o bem da cidade e da sua gente.

No "cliché" acima, vemos uma vista aérea do majestoso estádio da A. A. Ponte Preta, quando da visita do quadro principal do Palmeiras à cidade de Campinas.

Dentro de poucos meses serão concluídas as obras, com a cobertura das arquibancadas numeradas, ficando o estádio com capacidade para 35.000 espectadores.


13
15